**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**
**CAMPUS UNIVERSITARIO DO MARAJÓ – BREVES**
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIENCIAS HUMANAS**
**PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DOCENTE-PARFOR**
**CURSO: LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**HILDA CATARINA XAVIER DE CARVALHO**

# A AVALIAÇÃO COMO UM INSTRUMENTO DE CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA DOS EDUCANDOS

**BREVES-PA**
**2018**

**HILDA CATARINA XAVIER DE CARVALHO**

# A AVALIAÇÃO COMO UM INSTRUMENTO DE CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA DOS EDUCANDOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à faculdade de Pedagogia, campus Universitário do Marajó-Breves. Universidade Federal do Pará, como requisito Final para obtenção do Grau de licenciatura Plena em Pedagogia. Sob a orientação da professora Dra. Cleide Carvalho de Matos.

**UFPA**
**BREVES-PA**

**HILDA CATARINA XAVIER DE CARVALHO**

# A AVALIAÇÃO COMO UM INSTRUMENTO DE CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA DOS EDUCANDOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à faculdade de Pedagogia, campus Universitário do Marajó- Breves. Universidade Federal do Pará, como requisito Final para obtenção do Grau de licenciatura Plena em Pedagogia. Sob a orientação da professora Dra. Cleide Carvalho de Matos

BANCA EXAMINADORA

_____

Profª Drª Cleide Carvalho de Matos – Orientadora

_____

Profa Ma. Manuelle Espindola dos Reis – avaliadora

APROVADO EM: __/__/__/

CONCEITO:_____

**UFPA**
**BREVES-PA**

Dedico este trabalho de conclusão de curso a Deus autor da minha vida, sem ele nada posso fazer.

Dedico a virgem Maria  modelo de mãe, mulher, conselheira. O meu socorro sempre presente nas adversidades da vida.

Dedico (In Memoriam) ao meu pai que durante sua vida incentivou me nos estudos

Dedico a minha mãe, Raimunda Xavier, mulher humilde e sabia, meu exemplo de persistência e força.

Dedico aos meus filhos Carla Almeida e Jones Filho que com paciência e amor aceitaram minha ausência e me ajudaram com seus carinhos.

Dedico ao meu esposo Jones Almeida que sempre me ajudou com suas palavras certas e atitudes generosas.

Dedico a meus irmãos que são fonte de inspiração para busca de meu ideal.

Dedico a tantos meninos e meninas que se deparam diariamente com um modelo de avaliação excludente e classificatória, que impede ou limita um ato tão necessário e nobre que é, aprender a aprender, aprender a ser, aprender a viver e a ver o mundo, este ato pode e deve ser vivido de maneira amorosa e progressiva, inclusiva e dialógica por meio de uma a avaliação realizada em todo o sentido e amplitude de sua função. Desta pratica surge pessoas autônomas e consciente do seu papel na sociedade.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus que me sustentou durante o curso e me fortaleceu nas lutas diárias.

Á meus pais Manoel de Carvalho (in memoriam) e Raimunda Xavier meus primeiros mestres, agradeço por todo amor!

A meus filhos Carla Almeida e Jones Filho e meu esposo Jones Almeida, meus grandes incentivadores nesta trajetória de estudos, obrigada! Amo vocês.

Aos todos os familiares, meus irmãos e sobrinhos em especial a presença amorosa e pura da Maria Stella.

Agradeço de forma especial à minha orientadora Doutora Cleide Matos por suas orientações que foram fundamentais para construção deste trabalho.

Aos meus professores que durante o curso de licenciatura em pedagogia compartilharam seus conhecimentos e experiências de vida, indispensáveis para minha formação profissional e pessoal.

A meus colegas de turma que tornaram mais leve os desafios do curso em especial Ray Souto, Maria José Almeida, Iraquelma Medeiros que se tornaram amigas

Agradeço aos meus irmãos da pastoral da criança que me ajudam a ver o ser humano para além das aparências e assim compreender meu papel como educadora e cidadã.

Agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram para que este trabalho de pesquisa se realizasse a todos. Meus sinceros agradecimentos.

“Não há mudanças sem sonho, como não há sonho sem esperança” Paulo Freire – (Pedagogia da Esperança.)

**RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo analisar como professores e alunos compreendem o processo avaliativo aplicado no dia-a-dia da Escola Municipal de Ensino Fundamental Elizabeth Farias Lobato e sua relação com o desenvolvimento da autonomia dos alunos. A pesquisa se caracteriza como pesquisa qualitativa e o instrumento de coleta de dados foi o questionário e a pesquisa documental, utilizamos com os alunos um questionário fechado e com os professores um questionário aberto, além de analisar atas da escola e documentos da secretaria de educação de Bagre. O aporte teórico utilizado nesse trabalho foi Hoffmann (1991,2000,2001, 2003, 2005,), Luckesi (1990,1997,2002,2003,2005,2011), Freire (2000,2001,2004,2005,2011,) Romão (2005) Gadotti e Romão (2012), Chizzotti (2009),Fernandes (2014), Pádua (2004), Richardson, (2015). Bardin (2006), que muito contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa. Desse modo a pesquisa aponta que apesar dos professores apresentarem um certo avanço no entendimento sobre o papel da avaliação no processo ensino aprendizagem, ainda subsiste o ato de aplicar exames para verificar a aquisição ou não de conhecimento por parte dos alunos, uma prática que conforme a pesquisa discute, apresenta-se prejudicial ao processo cotidiano de partilha e aquisição de conhecimento. O que me permite concluir que o conceito e a aplicabilidade do processo de avaliação deve sim, estar comprometido com a função de envolver o aluno no vasto campo de interação entre o conhecimento escolar e sua concepção de mundo, de maneira a torna-lo autônomo dentro de uma avaliação processual.

**Palavras-chave**: Avaliação. Processo ensino-aprendizagem. Autonomia.

**ABSTRACT**

This work aims to analyze how teachers and students understand the evaluation process applied in the daily life of Elizabeth Farias Lobato Municipal Elementary School and its relation with the development of students' autonomy. The research is characterized as qualitative research and the instruments of data collection was the questionnaire and the documentary research, we used with the students a closed questionnaire and with the teachers an open questionnaire, besides analyzing school records and documents of the education secretariat of Catfish. The theoretical contribution used in this work was Hoffmann (1991,2000,2001,2003,2005), Luckesi (1990.1997,2002,2003,2005,2011), Freire (2000,2001,2004,2005,2011). Romão (2005) ), Which have contributed greatly to the development of the research. In this paper, we present the results of the research carried out by Gadotti and Romão (2012), Chizzotti (2009), Fernandes (2014), Padua (2004) and Richardson. In this way the research indicates that although the teachers present a certain advance in the understanding about the role of the evaluation in the learning teaching process, the practice of applying tests to verify the acquisition or not of the students' knowledge still exists, a practice that according to the research discusses, is detrimental to the day-to-day process of sharing and acquiring knowledge. This allows me to conclude that the concept and applicability of the evaluation process should rather be committed to the function of involving the student in the vast field of interaction between school knowledge and its conception of the world, so as to make it autonomous within of a procedural evaluation.

**Keywords:** Evaluation. Teaching-learning process. Autonomy.

**Lista de Gráficos**


| | | |
|---|---|---|
| Gráfico 1 | Composição das turmas de 3º ano | 40 |
| Gráfico 2 | Adulto responsável pela criança | 40 |
| Gráfico 3 | Repetência escolar | 41 |
| Gráfico 4 | A relação dos alunos com os professores | 43 |
| Gráfico 5 | Tipos de avaliação preferidos pelos alunos | 44 |
| Gráfico 6 | Sentimentos que a prova provoca nos alunos | 48 |
| Gráfico 7 | Sentimentos que os resultados das provas provocam nos alunos | 49 |
| Gráfico 8 | Quando o aluno não compreende o assunto o professor explica de outra forma | 50 |
| Gráfico 9 | Participação dos pais nos deveres de casa dos alunos | 51 |
| Gráfico 10 | Características das aulas | 53 |
| Gráfico 11 | Ambiente da sala de aula | 55 |

**SUMÁRIO**


| | | |
|---|---|---|
| **1** | **INTRODUÇÃO** | **11** |
| 1.1 | Objetivo Geral | 13 |
| 1.2 | Objetivos Específicos | 13 |
| **2** | **A IMPORTÂNCIA DO PROCESSO AVALIATIVO NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO ESCOLAR** | **16** |
| 2.1 | Avaliar ou medir? | 18 |
| **2.1.1** | **Avaliação diagnóstica** | **19** |
| **2.1.2** | **Avaliação formativa** | **19** |
| **2.1.3** | **Avaliação classificatória ou somativa** | **20** |
| 2.2 | A educação como um caminho para a autonomia do educando. | 25 |
| **3** | **A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM E SUAS IMPLICAÇÕES PARA OS EDUCANDOS** | **32** |
| 3.1 | Caracterização do *lócus* da pesquisa | 36 |
| 3.2 | 3.2 Desempenho discente no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica | 38 |
| 3.3 | 3.3 Caracterização dos alunos | 30 |
| 3.4 | A importância da avaliação no processo ensino aprendizagem | 46 |
| 3.5 | Sentimentos que a avaliação provoca no aluno | 48 |
| **4** | **CONCEPÇÃO DE AVALIAÇÃO DOS PROFESSORES** | **56** |
| 4.1 | O papel do professor no processo ensino-aprendizagem | 57 |
| 4.2 | Os instrumentos de avaliação | 63 |
| **5** | **CONCLUSÃO** | **72** |
| | **REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS** | **74** |
| | **APÊNDICE** | **76** |

# 1 INTRODUÇÃO

Tratar de avaliação na escola municipal de ensino fundamental Elizabeth Farias Lobato Rodrigues no 3º ano do ensino fundamental, requer uma reflexão sobre o papel do educador e sua capacidade de olhar a criança e ver além do que é aparente, para compreender o papel da avaliação na formação do sujeito.

O tema avaliação suscitou vários questionamentos no meu percurso de formação acadêmica, questões como: o que é avaliação? Por que avaliar? Para que avaliar? Como avaliar? A diferença entre avaliar e examinar. Como acadêmica percebi que essas questões surgiram mais precisamente na disciplina ministrada pela professora Dr. Cleide Matos, que abordou a temática de tal forma que me instigou analisar como professores e alunos compreendem o processo avaliativo aplicado no dia-a-dia da Escola Municipal de Ensino Fundamental Elizabeth Farias Lobato e sua relação com o desenvolvimento da autonomia dos alunos. Haja vista, que é a partir deste período escolar que as crianças passam a conviver com a reprovação na rede municipal de ensino no município de Bagre.

Com base em tudo que discutimos em sala de aula na disciplina Avaliação educacional, Teoria do currículo, e Prática educacional podemos compreender que a avaliação não é algo pronto e acabado, mas sim, um processo que possui começo, meio e fim, ou seja, é mais completo que o simples fato de examinar um aluno quanto à aquisição ou não de um conhecimento.

Segundo Luckesi (2002), o que se usa normalmente nas escolas como avaliação, na verdade, é uma forma de examinar através de provas e aplicação de notas ou conceitos. Ou seja, uma prática oriunda de meados do século XVI amplamente difundida por todo o século XVII, de origem burguesa, usada normalmente para delimitar classes sociais. Em pleno século XXI, ainda é importante desmistificar a ideia de que a avaliação na sua concepção mais ampla é algo difícil de alcançar.

A avaliação é fundamental para uma prática pedagógica competente, possibilitando a escola uma visão mais ampla de como este aluno está sendo preparado não só para responder as questões de português, matemática, etc., mas, sobretudo, como está a sua formação como cidadão crítico de sua própria realidade.

Refletindo sobre o processo avaliativo no âmbito escolar, tendo a escola Elizabeth Farias Lobato, e mais especificamente, a turma de 3º ano do ensino fundamental como parâmetro devido às dificuldades ocorridas nas últimas avalições nacionais de aprendizagem, neste caso, a prova Brasil que avalia os alunos de 5º ao º ano, a provinha Brasil que é aplicado

aos alunos de 2º ano do ensino fundamental e a Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA) que verifica o nível de aprendizagem do 3º ano do ensino fundamental com o objetivo de avaliar o nível de alfabetização dos educandos deste nível escolar, além, da alta taxa de evasão escolar nessa mesma faixa etária.

Esta pesquisa tece um olhar crítico de como tem se constituído o processo avaliativo na escola municipal Elizabeth Farias Lobato Rodrigues e os encaminhamentos necessários para que o processo avaliativo ultrapasse a visão de ser um instrumento mecânico e de julgamento.

Nesse sentido, entender a avaliação a luz das teorias educacionais, torna-se o caminho para uma prática fundamentada teoricamente. Entendemos que a escola tem a missão de desenvolver as potencialidades dos educandos e transforma-los em cidadãos críticos. Por isso, consideramos que a finalidade da avalição precisa ser repensada, pois, não tem lógica a escola avaliar para reprovar. É lamentável que instituições educacionais continuem com a visão fechada sobre a forma de avaliação e continuem usando punições, competições e premiações para exigir o acerto.levar para as considerações finais

Hoffman (2000, p. 85) enfatiza essa prática da seguinte forma:

> A solicitação de acerto/erro revela a insegurança e a necessidade da palavra final do adulto diante de tudo que a criança venha fazer. O seu trabalho deixa de ter valor atribuindo a outrem. Além do mais ele percebe que a escola está ali para classifica-lo, desde as primeiras tarefas em capazes, não capazes e precisam urgentemente de qualquer senha que lhes garanta o acerto.

No tema avaliação ainda existe uma contradição entre o discurso e a prática, a melhoria da qualidade do ensino tem constituído um desafio constante tanto para o professor como para o aluno e, ainda, deve ser ressignificado no processo escolar e na organização do trabalho pedagógico.  A avaliação é uma prática antiga que faz parte da ação humana, pois toda vez que temos uma ação intencional, é desejado que se tenha o resultado dessa ação. A avaliação para o aluno deve servir para dar conta do que ele já aprendeu e do que precisa aprender, pois quase sempre é um momento de dificuldade para aluno, onde ele se sente pressionado a saber o conteúdo e também para o professor que necessita fazer essa avaliação.

Nesta concepção, a avaliação revela o modelo autoritário, numa prática positivista e tecnicista com fim na atribuição de notas que se traduz entre o acerto e o erro. Tal concepção está vinculada ao castigo, ao medo como forma de conduzir e controlar o comportamento.

Um outro olhar muito interessante e o que podemos perceber na leitura de Luckesi (2005)que aborda a avaliação como uma atividade didática, desenvolvida diariamente com

intuito de complementar o trabalho desenvolvido entre professor e aluno com a finalidade de constatar progressos e dificuldades que nortearam os trabalhos futuros.

Nos dias de hoje, a avaliação continua sendo o centro das discussões, tanto no espaço escolar, como em ambientes não escolares, pois, sabemos que em nossas casas também muito se discute sobre a forma como as crianças são avaliadas nas escolas. Daí a importância de contribuir com uma discussão que aborde a avaliação de um ponto de vista qualitativo.

Esta pesquisa se justifica por refletir a dicotomia entre avaliar e examinar os alunos de terceiro ano do ensino fundamental na escola municipal Elizabeth Farias Lobato, tendo em vista que na escola citada é somente a partir do terceiro ano que a criança é retida e desta forma nos sentimos instigadas a compreender o impacto desta ação na vida dos alunos.ficou sem resposta??????????????

Pois, sabemos que a escola recebe alunos dos mais diversos níveis social, econômico e intelectual e que os mesmos não chegam à escola no mesmo nível de aquisição de leitura e escrita e, nesse sentido, é perceptível que esse julgamento de aquisição de conhecimento igualmente aplicado a todos os alunos de uma mesma sala sem levar em consideração os demais aspectos que compõem a vida desta criança é injusto e agressivo.

Para Luckesi(2005) (e Hoffman(2000) a avaliação da aprendizagem descentralizada, pensada pela comunidade escolar, possibilitaria a escola alcançar números mais expressivos de aquisição de conhecimento e de maneira mais igualitária ou com mais possibilidades de sucesso para a maioria dos educandos, por isso, torna-se oportuno problematizar: como professores e alunos compreendem o processo avaliativo aplicado no dia-a-dia da Escola Municipal de Ensino Fundamental Elizabeth Farias Lobato e sua relação com o desenvolvimento da autonomia dos alunos?

## 1.1 Objetivo Geral

Analisar como professores e alunos compreendem o processo avaliativo aplicado no dia-a-dia da Escola Municipal de Ensino Fundamental Elizabeth Farias Lobato e sua relação com o desenvolvimento da autonomia dos alunos

## 1.2 Objetivos Específicos

- ✓ Conhecer as concepções de avaliação que norteiam as práticas avaliativas na Escola Municipal de Ensino Fundamental Elizabeth Farias Lobato

- ✓ Analisar os instrumentos de avaliação utilizados na escola Elizabeth Farias Lobato e como os mesmos são pensados dentro do contexto de uma avalição para a autonomia do educando.

A abordagem de pesquisa se caracteriza como qualitativa, pois, [...] “todas as pessoas que participam da pesquisa são reconhecidas como sujeitos que elaboram conhecimentos e produzem práticas adequadas para intervir nos problemas que identificam” (CHIZZOTTI, 2009, p. 83).

A pesquisa bibliográfica se constituiu em etapa importante deste trabalho, por permitir o contato com as formulações teóricas sobre o objeto em tela e, por oportunizar o aprofundamento das questões levantadas durante o planejamento, a coleta e a análise de dados. Para Pádua (2004, p. 55) a “finalidade da pesquisa bibliográfica é colocar o pesquisador em contato com o que já se produziu e registrou a respeito do seu tema de pesquisa”

A coleta de dados foi realizada por meio de questionários e pesquisa documental. “Na pesquisa documental, o trabalho do pesquisador (a) requer uma análise mais cuidadosa, visto que os documentos não passaram antes por nenhum tratamento cientifico” (OLIVEIRA 2007:70). Neste caso a pesquisa documental realizada foi referente a uma ata de reunião de pais e mestres da referida escola e foi necessária uma análise fundamentada teoricamente.

A utilização do questionário foi de fundamental importância para a realização da pesquisa. Utilizamos o questionário com perguntas abertas com as professoras. A vantagem da utilização de um questionário com perguntas abertas é a liberdade que o entrevistado tem com as respostas e “em relação ao uso deste questionário com perguntas abertas é necessário um cuidado maior com a interpretação dos dados obtidos, pois os mesmos aparentemente semelhantes podem trazer intenções diferentes em cada entrevistado”. (RICHARDSON, 2015, p.205).

Com um segundo grupo formado por alunos utilizaremos o questionário com perguntas fechadas devido à maior facilidade que o entrevistado tem com a forma como as informações vem disponibilizadas e com um número menor de perguntas, o cuidado com a utilização de perguntas fechadas é o respeito com a opinião do entrevistado que fica à mercê de uma pergunta muito objetiva ou direcionada não dando a estas outras opções de escolha. (RICHARDSON, 2015).

Como instrumento de análise de dados utilizou a técnica de análise de conteúdo. BARDIN(2006), afirma que a análise de conteúdo, consiste em uma técnica metodológica que

se pode aplicar em discursos diversos e a todas as formas de comunicação, seja qual for à natureza do seu suporte. Nessa análise, o pesquisador busca compreender as características, estruturas ou modelos que estão por trás dos fragmentos das mensagens.

A primeira fase da análise de conteúdo é a pré-análise, que pode ser identificada como uma fase de organização. Nela estabelece-se um esquema de trabalho que deve ser preciso, com procedimentos bem definidos, embora flexíveis. Na segunda fase, ou fase de exploração do material, são escolhidas as unidades de codificação, adotando-se os seguintes procedimentos de codificação que compreende a escolha de unidades de registro – recorte; a seleção de regras de contagem – enumeração - e a escolha de categorias - classificação e agregação. A terceira fase do processo de análise do conteúdo é denominada tratamento dos resultados – a inferência e interpretação. (BARDIN, 2006, p, 103).

Para efeito de organização do conhecimento, o texto está dividido em cinco seções, a primeira é a introdução; a segunda seção aborda o tema a importância do processo avaliativo na construção do conhecimento escolar, a terceira fala sobre, avaliação da aprendizagem e suas implicações para o educando a partir de uma análise do uso deste instrumento nas escolas públicas brasileiras refazendo um percurso histórico dentro dos olhares dos teóricos citados acima até o período em que este instrumento passa a fazer parte das políticas pedagógicas da escola acima citada; a quarta discute a concepção de avaliação dos professores e a quinta seção aborda a conclusão do trabalho.

## 2 A IMPORTÂNCIA DO PROCESSO AVALIATIVO NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO ESCOLAR.

No Brasil para que possamos ter uma escola com a participação de todos os atores, que dela dependem se faz necessário vencer uma barreira histórica e uma herança viciosa deixada por nossos colonizadores, que em nada tem contribuído para o desenvolvimento do processo de uma escola participativa, com gestão mais eficiente e um processo educacional menos excludente, como enfatiza Gadotti e Romão (2012, p. 26) "No Brasil, a forma de colonização e o processo histórico elitista e excludente posterior criaram uma verdadeira cultura personalista, que pode ser facilmente percebida nas referências do senso comum ao governo".

Desta forma, percebe-se que essa concepção de governo supervaloriza a figura representativa do governante, visão esta que segundo Gadotti e Romão (2012) encontra-se na concepção patrimonialista do Estado que não permite uma ação autônoma de gestores e conselhos na administração da escola como um bem público, reproduzindo nos mesmos as decisões de governantes centralizadores que utilizam-se da sua posição de autoridade para impor suas ideias políticas que atravessaram os tempos históricos.

O que se vê nas escolas brasileiras é a utilização de cargos administrativos para a costura de acordos políticos e apadrinhamento de um pequeno grupo que acabam distorcendo as ideias democráticas dentro de um ambiente, que deveria prezar por um processo aberto, transparente e participativo, onde a gestão visa o bem estar de todos e a legitimidade do processo ensino-aprendizagem.

> As normas republicanas burguesas, embora formalmente democráticas, serão lidas sob interpretações geradora, não de direitos e deveres, mas de favores e obrigações; as administrações públicas não configurarão relações políticas, mas enredaram governantes e governados nas teias do compadrio e do fisiologismo; o exercício do poder não se identificará como um serviço, mas se confundirá com a dadiva. (GADOTI e ROMÃO, 2012, p, 27)

Como parte deste processo administrado pela elite brasileira, a escola não foi poupada de se transformar num instrumento de propagação de ideologias deste pequeno grupo que se fecha no direito de construir para sí uma imagem positivista e heroica, propagando especialmente dentro da escola esta visão histórica, onde tudo é pensado de cima pra baixo, e governantes transformam-se em verdadeiros ícones da história nacional, mantendo até os dias de hoje, uma severa resistência a abertura das escolas para uma gestão democrática.

> A escola não ficou alheia a esse processo sonegador da auto afirmação pessoal pela participação nas decisões coletivas, particularmente porque, nessa instituição brasileira, até o sufrágio para a escolha dos dirigentes só mais recentemente tem penetrado – não sem bravas resistências - em seu espaço político. [...] Em conclusão, ao longo da nossa história, o que se observa é "a hipertrofia dos excluídos e o elevado grau de personificação do poder governamental" (GADOTI e ROMÃO, 2012, p. 29)

Ideia que se perdura até hoje nas relações entre o papel social da escola e sua atuação de fato, alimentando uma pedagogia que na prática só se preocupa em aplicar conteúdos e manter a escola funcionando, sufocando toda uma categoria de alunos que se veem obrigados a assistir inertes o repasse de um discurso carregado de elementos que tem a finalidade de legitimar a divisão de classes. Nesta perspectiva, a educação mostra-se alienadora, propagadora de ideais de uma classe dominante, que não necessita deste local para ter acesso a cultura, restando, portanto àquele, que se encontra fora deste seleto grupo, que adquire conhecimento em outros ambientes que não o escolar, a lutar em organizações sociais capazes de travar embates no sentido de ganhar espaço através das cobranças por melhoria nos currículos curriculares, no ambiente de trabalho por meio de diálogo e acordos com o estado.

Gadotti e Romão (2012), afirmam que a educação brasileira, passa a caminhar com mais abertura para um processo democrático, com o surgimento de organizações como conselhos e associações de pais e mestres. A partir dessas organizações, os espaços para o diálogo são ampliados para os demais grupos que podem e devem contribuir, com uma gestão democrática, apresentando claramente uma maior convivência entre as muitas ideias, muitas vezes divergentes, mais que quando analisadas coletivamente na verdade convergem para um mesmo objetivo, que é o oferecimento de uma educação capaz de intermediar a compreensão entre as partes envolvidas no processo.

> A instituição de coletivos nas escolas apresenta-se, dialeticamente, como uma instancia mediadora que é, ao mesmo tempo, um mecanismo de absorção das tensões e dos conflitos de interesses e um instrumento potencial de inovação e transformação, na medida em que abre espaço para a explicação daquelas tensões e conflitos represados, camuflados ou inibidos. (GADOTTI; ROMÃO, 2012, p. 32)

É neste contexto de luta que a gestão democrática nas escolas avançam como uma forma mais eficiente de administração do espaço escolar, que no caso do Brasil, segundo Gadotti e Romão (2012), vai acontecer a partir de um grande evento ocorrido em Minas Gerais denominado de I congresso de educação, onde se discutiu com mais ênfase a participação dos diversos grupos que interagem dentro do processo da construção de uma

educação com acesso senão igual, para todos, mais que não apresente grandes obstáculos para que os grupos sociais alcancem o seu espaço dentro da sociedade.

A partir do I congresso de educação amplia-se o olhar para uma gestão democrática, onde a participação de todos os agentes envolvidos, ou seja, independentemente de estar dentro ou fora do espaço escolar, participem ativamente do planejamento das ações a serem colocadas em prática pela escola.

> Quando defendemos a participação das camadas populares nos conselhos escolares – um dos mais importantes instrumentos da gestão democrática da escola – apontamos para o controle popular de uma das agencias públicas mais importantes para a guerra de movimentos na luta contra-hegemônica. (GADOTTI; ROMÃO 2012, p. 35)

Sendo assim, conclui-se que para os autores o advento de uma escola pública, laica e de qualidade deve passar sim pela participação ativa e crítica dos seus principais agentes, para que se alcance desta forma a tão necessária autonomia na gestão escolar. De fato, hoje ainda, convivemos com modelos de gestão autoritária, onde o ensino é demasiadamente burocrático em todas as suas instancias, não contribuindo para a formação de cidadãos críticos e autônomos.

E para atingirmos um modelo mais aberto de gestão faz-se necessário uma mudança conjunta onde administradores, docentes, discentes e comunidade escolar percebam-se como parte integrantes da sociedade e responsáveis na construção de uma gestão democrática, eficiente e capaz de atingir a tão sonhada universalização do ensino de qualidade para todos.

## 2.1 Avaliar ou medir?

No processo de ensino aprendizagem que vivemos hoje, os modos de avaliar dizem muito acerca do que pensamos que seja a educação e do que pensamos que seja o domínio da prática, nessa área temos muito a discutir sobre os efeitos que avaliar e examinar produzem dentro desse processo.

No curso de Pedagogia, nos debates sobre o tema avaliação, observamos algumas concepções presentes nos discursos proferidos. Neste sentido, é oportuno compreender a diferença entre avaliação com o intuito de verificação e avaliação como processo.

Na primeira concepção, a avaliação revela o modelo autoritário, numa prática positivista e tecnicista com fim na atribuição de notas que se traduz entre o acerto e o erro. Tal concepção está vinculada ao castigo, ao medo como forma de conduzir e controlar o comportamento.  Para Luckesi (1990, p. 56).

> A primeira consiste em congelar o objeto a ser medido e avaliado, ao passo que a segunda propõe focar no processo e objetiva direcionar o aluno em uma trilha dinâmica de ação sem perder de vista os movimentos do sujeito na relação com a aprendizagem.

Desta forma, entendemos que a segunda concepção serve como alternativa à primeira uma vez que a produção do aluno acompanhada de um processo continuo, dinâmico e emancipatório faz do ambiente escolar e da avaliação um ato natural e amoroso visando o aluno como parte do processo e não um mero objeto a ser julgado.

Para Luckesi (2011) a avaliação deve favorecer o desenvolvimento de todas as crianças, considerando-se, no entanto, refletir, as particularidades, tanto social como econômica. A avaliação pode ser classificada em: diagnostica processual e classificatória ou somativa, e discorrerei sobre eles, mostrando suas semelhanças e diferenças.

### 2.1.1 Avaliação diagnóstica

A avaliação diagnóstica permite a visualização/ mapeamento de progresso e dificuldades dos alunos, concebendo uma ação, uma mudança na prática de ensino que me permita concretizar os objetivos traçados. A avaliação diagnóstica permite o alcance de propósitos como: verificar se o aluno apresenta ou não determinados conhecimentos ou habilidades que são necessários para aprender algo novo, identificar, discriminar, compreender, caracterizar as causas determinantes das dificuldades de aprendizagem, ou essas próprias dificuldades.

> A avaliação, diferentemente dos exames, tem por característica própria ser diagnóstica, o que implica em não ser classificatória [[...]...] querem dizer-nos que a avaliação é diagnóstica, ou seja, subsidia uma intervenção construtiva e criativa. Diagnosticar significa retratar alguma coisa através dos dados empíricos que a constituem. (LUCKESI, 2011, p. 197)

De acordo com o autor a avaliação é diagnostica, pois, permite a escola, e ao professor estabelecer um parâmetro quanto à situação deste aluno, se o mesmo apresenta condições para adquirir algo novo, e a partir desta referência trabalhar as habilidades da criança, com base em tudo o que ela carrega com a sua história de vida.

### 2.1.2 Avaliação Formativa

Essa modalidade de avaliação busca identificar as principais insuficiências de aprendizagens iniciais necessárias à realização de outras aprendizagens. Neste sentido, é

formativa no instante em que indica como os alunos estão se comportando em relação aos objetivos propostos. Dessa forma, a avaliação formativa é continua e visa a uma regulação interativa, ou seja, todas as relações entre professor e aluno são avaliações que possibilitam adaptações na prática cotidiana visando à melhor aprendizagem do aluno.

> A avaliação, diversamente dos exames, tem como centro predominante de atenção o processo de construção de um resultado, sem perder, em momento algum, a perspectiva do produto final que dele decorre e sobre o qual, por meio da "avaliação de produto", faz incidir a cerificação. Há consciência de que, para se chegar, a ele, importa investimento no processo. (LUCKESI, 2011, p. 188)

Luckesi (2011) ao se referir a avaliação formativa, destaca a sua grande importância no cotidiano de vida escolar do aluno, pois esta modalidade pensa no aluno como um ser em constante desenvolvimento, e chama a tenção para a necessidade da escola fazer esse acompanhamento do rendimento escolar do aluno, inclusive através de certificação, mais pensando em cada etapa do processo.

### 2.1.3 Avaliação classificatória ou somativa

A avaliação classificatória ou somativa tem aspecto autoritário e conservador e quase sempre não funciona como um instrumento dialético que aponte o avanço do aluno e mostre que rumo seguir para alcançar os objetivos. A sua Contribuição com a transformação é duvidosa, mas percebemos a sua eficiência na educação e, no que diz respeito à manutenção da estrutura social educacional, de forma muita clara ela destaca a autoridade do docente e enquadra o discente, tolhendo o crescimento intelectual do mesmo.

> Dentro da escola, o educando não está concorrendo a nada, mas os exames são praticados de igual forma, como se ele estivesse concorrendo a alguma coisa, pois, com base em seus acertos e erros num teste, é classificado numa escala de notas ou conceitos. (LUCKESI, 2011, p. 187)

Dentro da constatação do autor é valido considerar que na avaliação da aprendizagem não cabe a classificação por se opor a construção do conhecimento, uma vez que classificar ou somar é uma atividade realizada de maneira pontual e estática, uma forma quantitativa de julgar os que detêm o potencial, ou seja, a pontuação suficiente para progredir nos estudos e os que não conseguiram atingir a meta estipulada pelo examinador e, por consequência, estão fora do processo educativo. Neste caso, o poder da seletividade, por meio desta forma de

avaliar, aumenta a desigualdade, inibe a criatividade e acelera a exclusão e a divisão entre o conhecimento almejado e as barreiras imposta para ter acesso a ele.

Sem dúvida, a avaliação permite ao professor e a escola planejar ações que contribuam para a melhor formação do aluno. Nesse sentido algo notório nas reuniões pedagógicas da escola Elizabeth Lobato Farias é o questionamento dos professores sobre a prática de avaliar da escola, sempre surgem questões como: o aluno estuda para tirar nota e passar de ano? O aluno estuda para melhorar seus conhecimentos de mundo?

Portanto, a partir desta reflexão penso que a escola Elizabeth Lobato Farias precisa discutir junto ao seu quadro de profissional aquilo que Luckesi na sua obra "avaliação da aprendizagem componente do ato pedagógico" nos permite compreender sobre as diferenças entre avaliar um aluno e aplicar um exame. Repete na pagina 24

Para Luckesi (2011) o ato de avaliar é a ferramenta pelo qual o professor vai perguntar ao aluno se aprendeu o que foi ensinado, e no caso de uma negativa essa dinâmica deve continuar até que o aluno consiga assimilar o conhecimento. Para Luckesi (2011, p. 180).

> Existe de fato uma semelhança entre os atos de avaliar e examinar que a partir de um olhar superficial pode até parecer equivalente o que traz como consequência praticar exames e denomina-los avaliação. Esses dois atos têm verdadeiramente de comum só o primeiro passo que é a exigência da descritiva da realidade do desempenho do educando, no mais são exatamente distintos.

Portanto, compreender como nos fala o autor às diferenças entre avaliar e examinar são fundamentais para uma prática docente mais equilibrada e eficaz, pois possibilita a comparação dos atos e, neste sentido, é importante ressaltar que avaliar e examinar precisam ser discutidos levando em consideração, segundo Luckesi (2011) algumas variáveis entre elas a temporalidade, que é onde o exame está voltado para o passado e a avaliação para o futuro, a solução de problemas que para o autor um mantem o educando aprisionado ao problema enquanto que o outro o instiga a buscar a solução. Vou retirar esta parte está repetindo na pagina 24

Os exames simplificam a realidade e a avaliação coloca o educando em contato com um cenário mais complexo e cheio de possibilidades e um dos aspectos mais interessantes na obra de Luckesi (2011), é sua abordagem em relação à função dos atos de examinar e avaliar, pois, uma é classificatória e a outra é diagnostica. Para o exame as duas formas mais simples de escala são aprovação e reprovação, enquanto que na avaliação diagnostica o mais importante, não é a escala em que esse aluno se encontra, mais as informações necessárias ao professor que saberá se procede com uma intervenção ou não.

Sendo assim, muito se discute sobre as questões gerais da avaliação no Brasil e de como as políticas educacionais nacionais reverberam no dia a dia em sala de aula e, neste sentido, os constantes movimentos entre práticas avaliativas com o objetivo de medir e a avaliação processual entre outras correntes de pensamento precisam, com urgência, apontar um caminho. Pois, o tema avaliação ainda é uma contradição entre o discurso e a prática. A melhoria da qualidade do ensino tem constituído um desafio constante tanto para o professor como para o aluno e, ainda, precisa ser ressignificado no processo escolar e na organização do trabalho pedagógico.

Acreditamos que a avaliação para o aluno deve servir para dar conta do que ele já aprendeu e do que precisa aprender, pois quase sempre é um momento de dificuldade para aluno, onde ele se sente pressionado a saber o conteúdo e também para o professor que necessita fazer essa avaliação.

É possível constatar entre os teóricos tanto como Luckesi (1990), Hoffman (2000) e Freire (1996) que a prática educativa não deve se fundamentar em um modelo meramente classificatório e, muitas vezes, rotulador de alunos e alunas, mas sim, deveria servir como uma análise diagnostica e mediadora do desenvolvimento das habilidades dos mesmos.

Para Hoffman (2000, p. 165) "A avaliação não pode parar na constatação. É preciso dar sequência ao que se observa, fazendo intervenções para que o aluno possa aprender mais e melhor"

A experiência em sala de aula e os debates como citei acima apontam para a necessidade de tornar a avaliação uma referência mais significativa para professores e alunos à medida que acontece durante o processo educacional e não apenas no final de cada unidade do currículo escolar. A avaliação oferece possibilidades para que professores e alunos reordenem suas trajetórias de acordo com os objetivos traçados.

A educação pensada a partir das práxis não pode entender que o educador é um transmissor de teorias, ao contrário, no mesmo momento que está trabalhando com determinada teoria, está submetendo-a a um processo analítico que muitas vezes, identifica suas contradições. Freire (2004, p. 87) discute então que os processos avaliativos desenvolvidos na escola são contraditórios:

> Os sistemas de avaliação pedagógica de alunos e professores vem se assumindo cada vez mais como discursos verticais, de cima para baixo, mais insistindo em passar por democráticos. A questão que se colocar a nós, enquanto professores e alunos críticos e amorosos da liberdade, não é, naturalmente, ficar contra a avaliação, de resto necessária, mas resistir aos métodos silenciadores com que ela vem sendo realizada.

Dessa forma, compreendemos que uma prática docente mais dinâmica, deverá conduzir o aluno a pensar e compreender o que escreve, tornando processo ensino-aprendizagem mais democrático para todos os alunos, independente de classe social.

Para Freire (2004) fazer acontecer o processo ensino aprendizagem requer bom senso, por isso, escola, professor, aluno e comunidade devem pensar em todos os aspectos da vida escolar e, portanto, deve-se pensar no por que de avaliar. Freire (2004) destaca a necessidade do professor a todo instante se auto avaliar, no sentido de quebrar qualquer formalismo insensível que prejudica a ação do professor. Portanto, se avalia o aluno para a sua autonomia e, por isso, o professor deve levar em consideração a identidade do educando, como afirma freire (2004, p. 87):

> Ao pensar sobre o dever que tenho como professor, de respeitar a dignidade do educando, sua autonomia, sua identidade em processo, devo pensar também, como já salientei, em como ter uma prática educativa em que aquele respeito, que se deve ter ao educando, se realize em lugar de ser negado. Isto exige de mim uma reflexão crítica permanente sobre minha prática através da qual vou fazendo a avaliação do meu próprio fazer com os educandos. O ideal é que, cedo ou tarde, se invente uma forma pela qual os educandos possam participar da avaliação. [...]. Esta avaliação crítica da prática vai revelando a necessidade de uma série de virtudes ou qualidades sem as quais não é possível nem ela, a avaliação, nem tampouco o respeito do educando.

Freire (2004) afirma que a avaliação deve conceber o aluno como sujeito do seu próprio aprendizado, deixando, desta forma, de ser um mero instrumento de repetição dos conhecimentos repassados pelo professor. “A questão que se coloca a nós é lutar em favor da compreensão e da prática da avaliação enquanto instrumento de apreciação do que fazer de sujeitos críticos a serviço, por isso mesmo, da libertação e não da domesticação”. (FREIRE, 2004, p. 87).

Seguindo nesta mesma linha de pensamento Luckesi (2002, p.166), também destaca o importante papel do professor para o processo de desenvolvimento da aprendizagem do aluno, “[...] a avaliação deixe de ser utilizada como um recurso de autoridade, que decide sobre os destinos do educando e assume o papel de auxiliar o educando” É importante entender que a avaliação no contexto escolar deve ultrapassar a apreciação do desempenho do aluno e contemplar os diversos componentes do processo educacional como: prática do professor e demais profissionais, conteúdo, metodologia de ensino, condições de trabalho, dinâmica, relações no trabalho, recursos disponíveis e articulação com a comunidade. Pois o fracasso do

aluno é o fracasso do planejamento, da prática pedagógica e consequentemente reflete o fracasso da escola.

Sem dúvida a avaliação permite ao professor e a escola planejar ações que contribuam para a melhor formação do aluno. Nesse sentido, algo notório nas reuniões pedagógicas da escola Elizabeth Lobato Farias é o questionamento dos professores sobre a prática de avaliar da escola, sempre surgem questões como: o aluno estuda para tirar nota e passar de ano? O aluno estuda para melhorar seus conhecimentos de mundo? Portanto, a partir desta reflexão, pensamos que a escola Elizabeth Lobato Farias precisa discutir junto ao seu quadro de profissionais aquilo que Luckesi na sua obra "Avaliação da aprendizagem componente do ato pedagógico" (1997) nos permite compreender sobre as diferenças entre avaliar um aluno e aplicar um exame.

> Existe de fato uma semelhança entre os atos de avaliar e examinar que a partir de um olhar superficial pode até parecer equivalentes o que traz como consequência praticar exames e denomina-los avaliação. Esses dois atos têm verdadeiramente de comum só o primeiro passo que é a exigência da descritiva da realidade do desempenho do educando, no mais são exatamente distintos. (LUCKESI, 1997, p, 180)

Portanto, compreender como nos fala Luckesi (1997) as diferenças entre avaliar e examinar são fundamentais para uma prática docente mais equilibrada e eficaz. Neste sentido, é importante ressaltar que avaliar e examinar precisam ser discutidos levando em consideração algumas variáveis, entre elas, a temporalidade, o exame, por exemplo, está voltado para o passado e a avaliação para o futuro. O exame mantem o educando aprisionado ao problema enquanto que a avaliação o instiga a buscar a solução. Os exames simplificam a realidade e a avaliação coloca o educando em contato com um cenário mais complexo e cheio de possibilidades.

Um dos aspectos mais interessantes na obra de Luckesi e sua abordagem em relação à função dos atos de examinar e avaliar é a definição do exame como processo classificatório e a avaliação como processo diagnostico. Para o exame as duas formas mais simples de escala são aprovação e reprovação, enquanto que na avaliação diagnostica o mais importante não é a escala em que esse aluno se encontra, mas, as informações necessárias ao professor que saberá se procede com uma intervenção ou não.vai sair pois repete na pag 21

## 2.2 A educação como um caminho para a autonomia do educando.

No livro pedagogia do oprimido Freire (2005) enfatiza a dialogicidade como essência da educação, como prática de liberdade, abordando o quanto é importante o desenvolvimento de um diálogo consciente no processo de ensino-aprendizagem, dentro de um contexto de reflexão e ação, discutindo a dicotomia entre opressor e oprimido.

> Quando tentamos um adentramento no dialogo como fenômeno humano, se nos revela algo que já poderemos dizer ser ele mesmo: a palavra. Mas ao encontrarmos a palavra, na analise do dialogo, como algo mais que um meio para que ele se faça se nos impõe buscar, também seus elementos constitutivos. (FREIRE, 2005, p. 89).

Para freire(2005) um momento muito especial na vida do homem e da mulher é o seu descobrir-se portador, sujeito de sua própria capacidade de pensar e agir e nesta obra o autor destaca o diálogo como elemento fortalecedor da consciência social, intelectual e política do homem e da mulher.

> Esta busca nos leva a surpreender, nela, duas dimensões: ação e reflexão, de tal forma solidarias, em uma interação tão radical que, sacrificada, ainda que em parte, uma delas, se ressente, imediatamente, a outra. Não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo. (FREIRE, 2005, p. 89)

Para isso, é importante segundo freire(2005) que o diálogo, a palavra tenha a capacidade de nos levar a uma reflexão da própria realidade e em posse dessa reflexão, desse pensamento que nos é dado a partir da nossa consciência de liberdade e responsabilidade com a transformação do ambiente em que vivemos, possibilitando sempre a discussão sadia em busca de objetivos comuns. Sendo assim:

> A existência porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco nutrir-se de falsa palavras, mais de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir humanamente, é pronunciar o mundo, é modifica-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. (FREIRE, 2005, p. 90).

Para Freire quando homem e mulher dentro do seu ambiente, conseguem avançar além da sua zona de conforto, deparam-se com a “sua realidade problematizada” e para a resolução destes é necessário um outro olhar, uma nova maneira de compreender o mesmo ambiente e lidar com uma realidade dinâmica em constante modificação. Exigindo uma ação constante no sentido de não aceitar a própria realidade, pré-concebida. Para Freire (2005) “Não é no silêncio que os homens se fazem, mais na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”.

E nesse sentido percebemos que o autor adentra na relação entre pessoas, pais e filhos, cidadão e sociedade, professores e alunos dentro de uma convivência permeada por interesses, mas, no entanto, necessária para que juntos se consiga refletir e organizar tudo o que é necessário se trabalhar dentro das temáticas a serem discutidas e dialogadas em sala de aula.

Contudo Freire (2005) destaca que: "Não há também dialogo, se não há uma imensa fé nos homens. Fé no seu poder de fazer e de refazer. De criar e recriar. Fé na sua vocação de ser mais, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direito dos homens". Neste sentido, é compreensível a fala do autor quando afirma que:

> O homem dialógico que é crítico sabe, que se o poder de fazer, de criar, de transformar, é um poder dos homens, sabe também que podem eles, em situação concreta, alienados, ter este poder prejudicado. Esta possibilidade, porém, em lugar de matar no homem dialógico a sua fé nos homens, aparece a ele, pelo contrário, como um desafio ao qual tem de responder. (FREIRE, 2005, p. 93/94)

O dialogo no sentido de construir um currículo que possibilite ao professor, ao aluno, corpo técnico e administrativo da escola assim como pais um pensamento mais amplo das questões inerentes ao seu espaço, ao seu ambiente, facilitando a sua própria compreensão dos fatos que se desenrolam no seu cotidiano.

> Para o educador-educando, dialógico, problematizador, o conteúdo programático da educação não é uma doação ou uma imposição, um conjunto de informes a ser depositado nos educandos, mas a devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada. (FREIRE, 2005, p. 96/97)

Por que para o autor a escola, o professor, a professora devem levar em consideração aquilo que o aluno trás de casa, do seu bairro, do seu círculo de amizade, discutir todas essas informações e apresentar a este aluno um número maior de possibilidades de olhares e de compreensão de uma mesma situação, permitindo ao mesmo agir com autonomia de pensamento, sem impor ao mesmo o seu próprio ponto de vista.

> Será a partir da situação presente existencial, concreta, refletindo o conjunto de aspirações do povo, que poderemos organizar o conteúdo programático da educação ou da ação política. O que temos de fazer, na verdade, é propor ao povo, através de certas contradições básicas, sua situação existencial, concreta, presente, como problema que, por sua vez, o desafia e, assim, lhe exige resposta, não só no nível intelectual, mas no nível da ação. (FREIRE, 2005, p. 100)

Desta forma o autor discute que o educador, deve auxiliar o educando quanto a necessidade de trabalhar dentro da reflexão crítica, propostas que possam conduzi-lo ao diálogo construtivo e leva-lo para uma ação concreta, no sentido das mudanças de sua conduta tanto intelectual, como na sua postura política e social, não permitindo, que nenhuma forma de opressão possa ser capaz de aliena-lo e torna-lo um aluno-cidadão passivo.

> Nosso papel não e falar ao povo sobre a nossa visão do mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa [...]. Por isso mesmo é que muitas vezes educadores e políticos falam e não são entendidos. Sua linguagem não sintoniza com a situação concreta dos homens a quem falam. E sua fala é um discurso a mais, alienado e alienante. (FREIRE, 2005, p. 100)

Possibilitar ao aluno compreender-se autônomo é para freire(2005) construir arcabouços de interação entre professor e aluno, permitindo a ambos uma maior e melhor locomoção dentro do discurso, convivendo com ideias diversas dentro do mesmo espaço de construção de saber. Onde a curiosidade pelo novo, levará ambos a uma maior entrega, com mais compromisso a tudo o que se faz necessário dentro de um diálogo existencialista, inovador e libertário.

> O momento deste buscar é o que inaugura o dialogo da educação como pratica da liberdade. É o momento em que se realiza a investigação do que chamamos de universo temático do povo ou o conjunto de seus temas geradores [...] Esta é a razão pela qual (em coerência ainda com a finalidade libertadora da educação dialógica) não se trata de ter nos homens o objeto da investigação, de que o investigador seria o sujeito [...] O que se pretende investigar, realmente não são os homens, como se fossem peças anatômicas, mas o seu pensamento-linguagem referido à realidade, os níveis de sua percepção desta realidade, a sua visão do mundo, em que se encontram envolvidos seus “temas geradores”. (FREIRE, 2005, p. 101)

A partir deste pensamento o autor apresenta o seu método para a construção da pedagogia dialógica dentro da sala de aula, tendo em vista que este aluno é um ser histórico e traz consigo toda uma vivencia e estes elementos constitutivos da palavra, que é ação e reflexão precisam ser elaborados como temática de estudo para que a mesma possa ser transformada ou enriquecida quando necessário, porém nunca descartado.

Fazer com que o aluno reconheça a sua realidade a partir dos conteúdos escolares é muito importante, pois somente desta forma ele terá uma melhor compreensão do que está estudando, pois está ligado com a sua vivencia diária.

É sem dúvida um professor libertador aquele que faz o aluno sujeito de sua própria compreensão auxiliando o mesmo a caminhar com as próprias pernas, produzindo em todos os seus atos um conhecimento de mundo, de sociedade de vivencias. O que para Freire (2005, p. 111) “A questão fundamental, neste caso, está em que, faltando aos homens uma

compreensão crítica da totalidade em que estão, captando-a em pedaços nos quais não reconhecem a interação constituinte da mesma totalidade, não podem conhece-la.”

É importante ressaltar como citado acima, que para que exista essa abertura de visão do local, para o regional do regional para o nacional e do nacional para o mundial, se faz necessário um trabalho em conjunto para que os anseios e avanços conquistados parta da construção e da interação coletiva, tornando o ato de aprender uma ação dialética e significativa. Neste sentido Freire enfatiza que:

> [...] A tarefa do educador dialógico é, trabalhando em equipe interdisciplinar, [...] No processo da decodificação os indivíduos, exteriorizando sua temática, explicitam sua “consciência real” da objetividade [...] que se prolonga na organização do conteúdo programático da ação educativa, como ação cultural libertadora. (FREIRE, 2005, p. 119)

Partindo desse pressuposto, Freire(2005) chama a atenção dos educadores como mediadores, e investigadores do desafio de encontrar na pluralidade de ideias e vivencias as problematizações pessoais do grupo acolhendo e respeitando as situações-problema de forma dialógica para que aconteça uma educação libertadora e desta forma Freire (2005) faz uma comparação entre uma educação, para a vida, libertadora e emancipatória que caminha na direção oposta àquela que limita a ação do homem como mero objeto da reprodução de discursos pré definidos.

> O importante, do ponto de vista de uma educação libertadora, e não “bancaria”, é que, em qualquer dos casos, os homens se sintam sujeitos de seu pensar, discutindo o seu pensar, sua própria visão do mundo, manifestada implícita ou explicitamente, nas suas sugestões e nas de seus companheiros. (FREIRE, 2005, p. 139)

O pensamento freiriano contribui com um olhar mais amplo para uma educação que precisa ser trabalhada, no sentido de descontruir velhas concepções e construir pontes entre a necessidade de pensar, e a responsabilidade de ser crítico, dentro de um sistema opressor e manipulador, que atua contra a liberdade dos homens e mulheres de criar, refletir e agir sobre a sua realidade.

Freire (2011) no livro pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido amplia seu olhar sobre o elo entre o sonho e a esperança que se configuram em combustíveis eficientes para a almejada educação cidadã e libertadora. Uma educação que fomente o interesse, o gosto e a boniteza do processo de ensino e aprendizagem.

Para Freire (2011) ato de estudar, de ensinar, de aprender, de conhecer é difícil, sobretudo exigente, mas prazeroso. É preciso, pois, que os educandos descubram e sintam a

alegria nele embutida que dele faz parte e que está sempre disposta a tomar todos quantos a ele se entreguem.

Neste sentido, é imprescindível uma prática pedagógica mediadora e reflexiva, que priorize a pesquisa e a busca constante da verdadeira identidade do educador - transformador, uma vez que para Freire:

> Um professor que não leva a sério sua prática docente, que, por isso mesmo, não estuda e ensina mal o que mal sabe que não luta para que disponha de condições materiais indispensáveis à sua prática docente, se proíbe de concorrer para a formação da imprescindível disciplina intelectual dos estudantes. Se anula, pois, como professor. (FREIRE, 2011, p, 115)

Contudo, a superação de velhos conceitos de aprender e ensinar parte da capacidade de aliar o discurso a uma prática democrática para que a cultura popular não caia na visão de inferioridade diante da imposta superioridade elitista. Freire (2011, p. 116) "O que não é possível – repito-me agora – é o desrespeito ao saber de senso comum; o que não é possível é tentar superá-lo sem, partindo dele, passar por ele".

Isso é perceptível na reprodução burocrática do saber, que não leva em consideração as particularidades dos educandos, sendo que suas experiências e vivencias dissociadas do conhecimento sistematizado, fragmenta a aprendizagem e compromete a liberdade de pensar e agir. Para o autor

> O que não é licito fazer é esconder verdades, negar informações, impor princípios, castrar a liberdade do educando ou puni-lo, não importa como, porque não aceite, por várias razões o meu discurso. [...] Subestimar a sabedoria que resulta necessariamente da experiência sociocultural é, ao mesmo tempo, um erro cientifico e a expressão inequívoca da presença de uma ideologia elitista. (FREIRE, 2011, p. 117).

E este é o grande desafio do fazer docente, estimular o discurso de superação e mobilizar as pessoas para uma visão além das suas dificuldades, medos e limitações, fazendo do seu contexto sociocultural, um ambiente rico para a construção do conhecimento global.

> É essa miopia que construindo-se em obstáculo ideológico, provoca o erro epistemológico. [...] Negação o saber popular tão contestável quanto sua mitificação, quanto sua exaltação, de natureza" basista". Basismo e elitismo, de tal maneira sectários que presos à e em sua verdade se tornam incapazes de ir mais além de si mesmos. (FREIRE, 2011, p. 117/118).

O professor como mediador precisa ter a sensibilidade de valorizar o empírico, aquilo que pode acrescentar ao seu aluno, e a sua aula, algo a mais, valores que se bem abordados, transforma-se em pilares de motivação, galgando este aluno a níveis por ele sonhado, mas com a possibilidade de ir sempre além.

> O que tenho dito sem cansar, e redito, é que não podemos deixar de lado, desprezado como algo imprestável, o que, educandos, sejam crianças chegando à escola ou jovens e adultos a centros de educação popular, trazem consigo de compreensão do mundo, nas mais variadas dimensões de sua prática na prática social de que fazem parte. (FREIRE, 2011. p, 118)

Para alcançar o aluno no seu ambiente, é necessário uma política educacional voltada para este objetivo, não somente levarmos o prédio da escola para a periferia, para os bairros mais distantes, ou redigir leis que garanta a criança o direito de estudar num estabelecimento escolar próximo de sua casa, mais uma política que investigue que se aprofunde, na cultura, nos hábitos do local onde ela está inserida, uma escola que não se insere em sua própria história é incapaz de mostrar o caminho a uma criança que a ela recorre para se encontrar como sujeito. E para a isso é necessário um ambiente educacional motivador como o autor, destaca em sua obra.

> Não posso entender os homens e as mulheres, a não ser mais do que simplesmente vivendo, histórica, cultural e socialmente existindo, como seres fazedores de seu "caminho" que estão fazendo e que assim os refaz também. [...] O que não podemos como seres imaginativos e curiosos, é parar de aprender e de buscar, de pesquisar a razão de ser das coisas. Não podemos existir sem nos interrogar sobre o amanhã, sobre o que virá; sem nos interrogar em torno de como fazer concreto o "inédito viável" demandando de nós a luta por ele. (FREIRE, 2011, p. 135/136)

Tudo o que uma escola, um professor, uma política de ensino precisam fazer para que este aluno alcance voos independentes, é motiva-lo a pensar objetivamente, como criador da sua própria história do seu fazer, aprender a sonhar e a buscar, ser um curioso por vocação, e não adotar um discurso que só desanima e afasta o mesmo de suas metas, como destaca Freire:

> É por sermos este ser "programado", mas não determinado, [...] "programados", não somos, porém determinados; é por estarmos sendo assim que vimos nos vocacionando para a humanização e que temos, na desumanização, fato concreto na história, a distorção da vocação. Jamais, porém, outra vocação humana. [...] Por isso mesmo é que uma é vocação e outra, distorção da vocação. (FREIRE, 2011, p.136/137).

O homem é por vocação um lutador, ele consegue alcançar através da luta os seus objetivos e para Freire a escola não pode trabalhar, com o medo, com a intimidação, pois assim corre o risco, de navegar contra a vocação de homens e mulheres, deve sim à mesma intermediar uma solução entre as incertezas e a esperança.

> Sonhar não é apenas um ato político necessário, mas também uma conotação da forma histórico-social de estar sendo de mulheres e homens. Faz parte da natureza humana que, dentro da história, se acha em permanente processo de tornar-se. Fazendo-se e refazendo-se no processo de fazer a história, como sujeitos e objetos, mulheres e homens, virando seres da inserção no mundo e não da pura adaptação ao mundo, terminaram por ter no sonho também um motor da história. Não há mudança sem sonho, como não há sonho sem esperança. [(FREIRE, 2011, p. 126)

Refletir as palavras de Freire deve fazer emergir na mente de professores, professoras, gestores e todos aqueles que lidam com o processo educacional um questionamento, como fazer nascer à esperança? Sem dúvida, se faz indispensável migrar do nível de professor para educador, encontrar-se com sua vocação e humanizar-se para poder fazer a ponte para que os outros construam sua esperança. Não deve a escola, segundo Freire (2011), tolir no aluno a sua capacidade de acreditar, em virtude do cumprimento de deveres com uma matriz curricular deficitária, que só visa os interesses de um pequeno grupo, a elite, pois assim estaria somente repassando ideologias, adestrando-o e não libertando.

> A nova experiência de sonho se instaura, na medida mesma em que a história não se imobiliza, não morre. Pelo contrário continua. A compreensão da história como possibilidade e não determinismo, a que fiz referência neste ensaio, seria inteligível sem o sonho, assim como a concepção determinista se sente incompatível com ele e, por isso o nega. [...] Portanto, para o sonho, para a opção, para a decisão, para a espera na luta, somente como existe esperança. Não há lugar para a educação. Só para o adestramento. (FREIRE, 2011, p. 126/127)

Segundo o autor, o homem deve ser politizado, para que o mesmo compreenda o seu papel de cidadão em uma sociedade que insiste em rejeita-lo, em distancia-lo de uma leitura de mundo, um sistema que preza por manter a escola distante da realidade do aluno, impedindo-o de olhar para além dos muros, de fazer uma leitura política, como aponta Freire

> É por isso que, do ponto de vista dos interesses das classes dominantes, quanto menos as dominadas sonharem o sonho de que falo e da forma confiante como falo, quanto menos exercitarem a aprendizagem política de comprometer-se com uma utopia, quanto mais se tornarem abertas aos discursos “pragmáticos”, tanto melhor dormirão as classes dominantes. (FREIRE, 2011, p. 127).

Dentro deste olhar de Paulo Freire é possível compreender que este papel de politizador, do homem e da mulher, cabe a escola, ao professor, que devem buscar alcançar a libertação do mesmo, possibilitando ao aluno lutar pelos seus direitos. Mais o que é luta? Para freire é o meio de canalizarmos nossos anseios, nossa esperança, que se faz na prática, na busca coletiva de direitos, e de acesso as conquistas.

Para isso, a prática pedagógica deve potencializar o diálogo com os educandos deixando claro a necessidade de conhecer os seus direitos e deveres, e que a sua luta não pode ser solitária, quanto mais ele se organizar coletivamente mais forte ele ficará.

Neste sentido Freire (2011) deixa claro que não cabe num contexto de educação cidadã, uma sociedade oprimida em seus direitos, por uma minoria que detém o poder e que se acha na obrigação de pensar o futuro dos demais de acordo com seus próprios interesse, negando ou dificultando o acesso igualitário à formação social, cultural, econômica e intelectual do homem. “É por isso que, como indivíduo e como classe, o opressor não liberta nem se liberta. É por isso que, libertando-se, na e pela luta necessária e justa, o oprimido, como indivíduo e como classe, liberta o opressor, pelo fato simplesmente de proibi-lo de continuar oprimindo.” (FREIRE, 2011, p. 138)

Portanto, a libertação dos sujeitos se concretiza quando se atribui a luta o sonho coletivo, sonho que é a mola propulsora da transformação da realidade, fazendo dos sujeitos da história, agentes da sua própria libertação e, por consequência, transformadores da sociedade, inclusive o opressor, porque uma educação para cidadania implica num futuro melhor para todos, onde não cabe a divisão desigual do conhecimento, da autonomia e do acesso aos bens necessários para a qualidade de vida.

## 3 A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM E SUAS IMPLICAÇÕES PARA OS EDUCANDOS

A avaliação da aprendizagem escolar é um tema de pesquisa que tem mobilizado os pesquisadores, no município de Bagre, por exemplo, trabalhos como de Almeida (2010) e Dantas (2005) realizados na última década, apontam para a necessidade de organização das experiências educativas, de modo a promover o desenvolvimento dos alunos, que precisam ter seus tempos e percursos individuais respeitados. Nessa perspectiva, a avaliação tem o papel de orientar alunos e professores a tomar consciência de seus conhecimentos, ter

posicionamento crítico e saber se estão avançando na superação das dificuldades, para assim, continuar progredindo no processo ensino aprendizagem.

Em Bagre é possível acompanhar o andamento do processo de ensino-aprendizagem nas escolas a partir dos dados oferecidos pela secretaria de educação, pelas escolas, assim como por meio das conversas travadas nas discussões sobre educação, nos eventos organizados pelas entidades que buscam desenvolver nesta cidade o processo educacional e, até mesmo, nas rodas de conversa entre professores e professores, entre professores e gestores escolares e entre professores e pais de alunos dentro do espaço escolar.

É notório, que uma das palavras mais usadas, quando a conversa é entre secretaria de educação e escola, sem dúvida é o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), quando a conversa é entre professores e professores o que mais se ouve é a superlotação das salas e as dificuldades dos alunos na aprendizagem e, quando a conversa é entre escola e pais, o assunto mais comentado é o comportamento dos alunos, ou seja, existem muitos temas que sustentam acaloradas discussões sobre a qualidade do que se está oferecido como educação nas escolas do município de Bagre. Neste sentido, Romão (2005, p. 37), afirma que:

> Muitos sustentam a tese de que a qualidade da escola fundamental caiu em razão de sua massificação nos últimos anos. Os dados realmente comprovam uma enorme expansão das matriculas, a ponto de, praticamente, o Brasil ter universalizado o acesso a esse grau. Ao mesmo tempo, a maioria dos pesquisadores, administradores e educadores afirma que a produtividade do sistema apresentou, concomitante e progressivamente, os mais baixos índices de conclusão com sucesso. Mais grave ainda, acrescentam, é a constatação de que, nas recentes avaliações externas comparadas, os concluintes não estão preparados para os mais elementares desempenhos desejáveis de um jovem formado nesse grau.

Em Bagre, este cenário se apresenta em toda a sua complexidade, então, é necessário olharmos para a necessidade de melhorar os indicadores de desempenho nas avaliações, assim, como por exemplo, a superlotação das salas. Se analisarmos os dados da Escola Elizabeth Farias Lobato Rodrigues, ela possui três turmas de 3º ano do ensino fundamental e, possui 136 alunos matriculados, segundo informações do censo escolar referente ao ano de 2017, fornecido pela Secretaria Municipal de Educação (SEMED) e o site QEdu.com. (2017).

No final da década de 1980 e durante toda a década de 1990 Bagre contou com um número reduzido de professores com nível superior para trabalhar nos anos iniciais do ensino fundamental como podemos ver no quadro.

QUADRO 1: Formação dos professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental da rede municipal de ensino de Bagre na década de 1990

| PROFESSORES DO 1º CICLO 1990 | Quantidade |
|---|---|
| **Professores (as)** | 16 |
| **Com nível superior** | 05 |

**FONTE:** Secretaria Municipal de Educação

Os dados fornecidos pela secretaria municipal de educação (SEMED) mostram como o quadro de professores no município de Bagre, mais especificamente nas escolas da área urbana, cresceu em número, e, em nível de estudo em menos de duas décadas, o que demonstra a vontade de professores e professoras em avançar nas melhorias de trabalho.

QUADRO 2: Formação dos Professores dos anos iniciais do ensino fundamental da rede municipal de Bagre em 2015.

| PROFESSORES DO 1º CICLO 2015 | Quantidade |
|---|---|
| **Professores (as) de 1º ao 5º ano** | 45 |
| **Com nível superior** | 39 |

**FONTE:** Secretaria Municipal de Educação

Os quadros 1 e 2 demonstram a evolução do número de docentes que atuam na educação do município de Bagre, no período de 1990 e 2015, é importante ressaltar que de1990 a 1998 Bagre passa por um processo de municipalização da educação, nos anos anteriores, a educação do município contava apenas com a Escola Estadual Julião Bertoldo de Castro, administrada pela 8ª Unidade Regional de Educação (URE), localizada no município de São Sebastião da Boa Vista. É a partir deste momento que vamos ter a educação do município de Bagre sendo pensada desde a sua própria localidade, contando com um número reduzido de profissionais e o que chama a atenção é a parcela de professores com nível superior, considerado ínfima para a época.

O quadro 2 mostra que houve o aumento da procura de cursos universitários por partes de alunos que estão concluindo o ensino médio e professores que já atuavam em sala de aula, ingressando nas universidades públicas ou particulares, o que explicaria este aumento significativo tanto no quadro de docentes, como no número de professores com nível superior.

Com o aumento das possibilidades de se alcançar vagas nas universidades, públicas e particulares, a educação no município de Bagre ganhou muito no aspecto de qualidade de seus

docentes, pois, muitos professores e professoras que já contavam com uma vasta experiência nas salas de aula, mas que até então lecionavam somente com a formação de magistério, passaram a avançar nos estudos superando o quadro de professores com nível superior, preparando-se melhor, para o dia a dia em sala de aula.

QUADRO 3: Formação dos professores dos anos iniciais da rede municipal de ensino de Bagre no ano de 2017.

| PROFESSORES DO 1º CICLO 2017 | Quantidade |
|---|---|
| **Professores (as) de 1º ao 5º ano** | 45 |
| **Com Magistério** | 05 |
| **Com Nível Superior** | 30 |
| **Cursando Nível Superior** | 10 |

**FONTE:** Secretaria Municipal de Educação

O quadro demonstrativo dos professores de 1º ao 5º ano na cidade de Bagre, mostra uma tendência discutida por estudiosos como ROMÃO (2005), que a procura por uma maior qualificação profissional é um movimento crescente muito em todo o Brasil.

> De uma hora para outra, os brasileiros despertaram para a questão da qualidade do ensino, atrelando-a a necessidade de capacitação e atualização do professorado: hoje, praticamente, não há discussão ou publicação da área que não toque na questão da má formação, desatualização e falta de aperfeiçoamento dessa categoria profissional, estabelecendo-se uma relação automática e diretamente proporcional entre o nível de formação dos docentes e a qualidade do ensino ministrado. (ROMÃO, 2005, p, 38)

Segundo o autor, a qualidade de ensino, é uma necessidade para quem busca uma melhor qualidade de vida, e neste sentido a “qualidade’ almejada no processo ensino-aprendizagem passa por uma maior qualificação dos profissionais que trabalham neste seguimento, neste caso, os professores. Neste quesito, a pesquisa aponta que na escola Elizabeth Farias Lobato Rodrigues, a situação do quadro de professores do 1º ciclo em 2015 quando iniciamos nossa pesquisa era de 16 professores atuantes nos anos iniciais, destes 13 já possuem ou estavam se formando em pedagogia.

## 3.1 Caracterização do *lócus* da pesquisa

Contextualizar o *lócus* da pesquisa torna-se indispensável para que possamos refletir sobre como a escola enfrenta o desafio de uma "avaliação para além da classificação", nas turmas do 3º ano do ensino fundamental.

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Elizabeth Farias Lobato Rodrigues, localizada na área urbana do município de Bagre. O referido município está localizado na mesorregião do Marajó e da microrregião de Portel, e segundo o censo 2015 conta com uma população de 23.864 (vinte e três mil, oitocentos e sessenta e quatro) habitantes divididos na área urbana e área rural, com sua maioria ainda convivendo no espaço rural do município. Como a maioria dos municípios do arquipélago do Marajó, sofre com o jogo de interesses das grandes e medias empresas extrativistas, que exploram de forma intensa e violenta seus recursos naturais. Exploração que causa o empobrecimento da população, especialmente as residentes nos grandes bolsões de pobreza, como é o caso do bairro "largo do veterano," onde moram a maior parte das crianças que migram da área rural para o meio urbano do nosso município.

Bagre possui cerca de 39[1] escolas, sendo 6 escolas na área urbana onde funciona a educação infantil, ensino fundamental de 1º ao 9º ano e Educação de Jovens e Adultos. Possui um total de 3.677[2] alunos no 1º ciclo do ensino fundamental, distribuídos em 39 escolas, no meio urbano e rural e destes 546 alunos matriculados somente na escola Elizabeth Farias Lobato Rodrigues, sendo 136 no 3º ano do ensino fundamental, os quais estão divididos em 03 turmas.

Como podemos observar, o município dispõe de um número considerado de alunos atendidos, que demanda desafios ao processo de ensino aprendizagem e, desta forma, como não dizer que este contexto econômico/social possa interferir no dia a dia de alunos e professores, assim como nas metodologias utilizadas em sala de aula e concomitantemente no resultado final deste processo.

---

[1]Fonte Censo Escolar/INEP 2017 | Total de Escolas de Educação Básica: 39 | QEdu.org.br
[2]Fonte Censo Escolar/INEP 2017 | Total de Escolas de Educação Básica: 39 | QEdu.org.br

**Foto:** Frente da escola Elizabeth Farias Lobato Rodrigues
**Fonte:** Arquivo particular

A escola Elizabeth Farias Lobato Rodrigues foi fundada em 25 de Março de 2014 pelo então prefeito Cledson Rodrigues que nomeou a citada escola com o nome de sua genitora que ainda vive no município e desempenhou importante papel de professora na cidade. A escola é construída em alvenaria, coberta de telhas de Brasilit, está localizada em um bairro periférico da cidade conhecido como "Bairro do Largo do Veterano" possuem dois blocos com dez (10) salas de aulas todas bem iluminadas com lâmpadas fluorescentes assim como as outras dependências, há uma (01) sala da diretoria, uma (01) sala dos professores climatizada. Há também, uma (01) sala para secretaria, sala da coordenação pedagógica, uma (01) de AEE que não funciona, uma (01) sala da mais educação que da mesma forma que o AEE está desativado, pois não temos o programa mais educação na escola, uma (01) sala de informática que da mesma forma das duas anteriores não funciona e uma biblioteca.

A pesquisa foi realizada nos letivos de 2015 a 2017, período em que foi implantado na escola um projeto de educação voltado para a valorização do aluno como cidadão e do respeito ao espaço em que este aluno ocupa.

Nesse bairro a escola desenvolve um projeto que visa sensibilizar as crianças, adolescentes e jovens sobre a importância de preservar o meio ambiente, gerar nas crianças uma reflexão acerca da forma como seus pais lidam com as terras e tudo o que dela faz parte na área rural, transformando as suas atitudes para com o meio em que vivem. O projeto vem

produzindo muitas mudanças em um curto espaço de tempo no cotidiano escolar de muitas crianças que vivem em um bairro com alto índice de analfabetismo e violência, para com as crianças, que acabam trazendo para a escola, as dificuldades impostas por um ambiente hostil na qual estão submetidas a viver diariamente.

Nesta pesquisa trabalhei com 03 turmas de 3º ano do ensino fundamental da escola municipal professora Elizabeth Farias Lobato Rodrigues, cujo número de matriculados no ano de 2017 segundo o censo escolar é de 136 alunos, sendo 02 turmas no período matutino com 38 alunos cada e outra no período vespertino com 41alunos, ou seja, dos 136 somente 111 estão realmente comparecendo as aulas, sendo 46 meninos e 65 meninas com idade entre 9 e 13 anos.

Os professores que participaram desta pesquisa, 01(uma) possui nível superior cursado em uma universidade particular, 01(uma) possui formação em nível médio - magistério e 01(um) está cursando o último período da Faculdade de Pedagogia e tem uma grande experiência em sala de aula, pois já leciona a mais dez anos no Ensino Fundamental.

Como procedimento de coleta de dados, trabalhei com as respostas das professoras investigadas, por meio de questionário aberto, isto favoreceu a pesquisa de forma sistemática e dinâmica, especialmente quanto aos registros das indagações realizadas. Neste sentido as professoras estão assim representadas nos questionários como Professora 1, (P1), Professora 2, (P2) e Professora 3, (P3).

O questionário aplicado para coleta de dados com os alunos foi o fechado com a finalidade de analisar como a avaliação é trabalhada em sala de aula com alunos de 3º ano do ensino fundamental, além de refletir se a prática dos professores da escola Elizabeth, para acompanhar o desenvolvimento intelectual e social do aluno pode ser considerada como uma avaliação ou se simplesmente reforça a tese de que em nossas escolas o que trabalhamos é exame.

## 3.2 Desempenho discente no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

Os resultados da prova Brasil deste ano (2018), mostram que a proporção de alunos que demonstram um aprendizado adequado nesta faixa de 1º ao 5º ano do ensino fundamental é de exatamente 50% no Brasil, enquanto que na escola pesquisada fica muito abaixo deste número como será detalhado mais adiante neste trabalho.

Os dados referem-se a um universo de 2.438.249 (dois milhões quatrocentos e trinta e oito mil, duzentos e quarenta e nove) alunos matriculados em todo o Brasil. No entanto,

quando analisamos o Estado do Pará esta porcentagem de aprendizado adequado, para esta faixa etária, cai para 34%, no caso do Estado, segundo o site QEdu.com(2017), de um número de 101.615 alunos matriculados, somente 34.087 alunos apresentaram um aprendizado adequado sobre leitura e interpretação de texto nesta etapa de estudo.

Quando estes números são analisados na rede municipal de Bagre a taxa é de 33%, ou seja, dos 320 alunos matriculados em 2015 no ensino fundamental de 1º ao 5º ano, apenas 105 alunos demonstraram um aprendizado adequados na competência de leitura e interpretação de texto. Refletindo os números da escola Elizabeth Farias Lobato Rodrigues, num universo de 128 alunos matriculados, somente 29 alunos conseguem ler e interpretar adequadamente um texto, ou seja, apenas 24% de alunos

O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), do ano de 2015 expõe o cenário da educação básica em seu 1º ciclo no município de Bagre, neste contexto, é necessário observar os dados de maneira clara, critica e dizer que muitos desses números não condizem com a nossa realidade de sala de aula, mais que sem dúvida nenhuma, norteiam o trabalho da escola, que deve sempre alcançar os objetivos por ela propostos.

**Quadro 4**: Ideb observado Município de Bagre ano 2015

| Município | 2005 | 2007 | 2009 | 2011 | 2013 | 2015 |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Bagre | 1.9 | 2.1 | 2.5 | 3.7 | 3.3 | 3.8 |

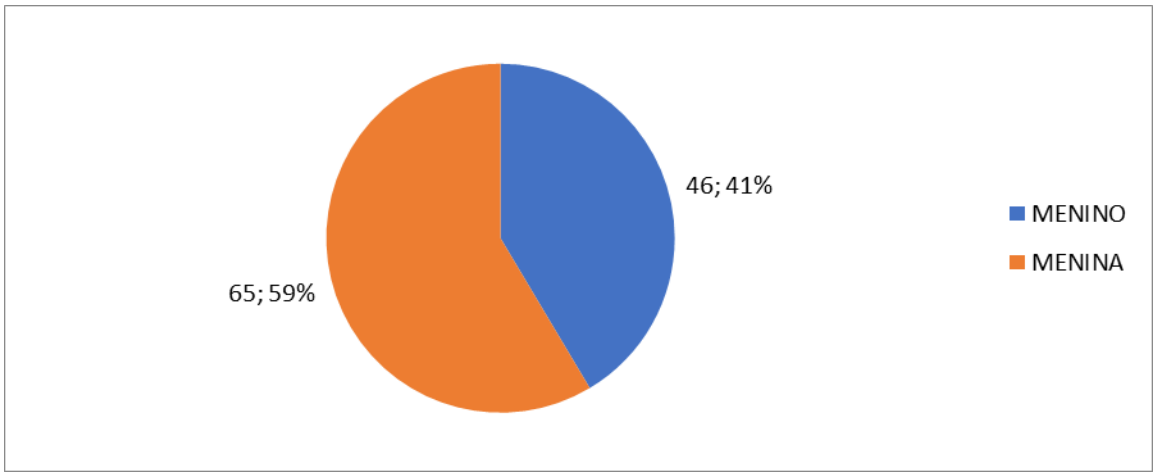
**Fonte:** Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira

Observando o quadro 4 (quatro) no Ideb do ano de 2015, o município de Bagre alcançou a média de 3.8, ficando abaixo de meta projetada que era de 4.1. A escola pesquisada alcançou a média 3.8, como ela foi inaugurada no ano de 2014, não havia uma meta estipulada para a mesma no ano de 2015, o que se apresenta é a média que a escola alcançou, sem haver um parâmetro para que possamos comparar.

## 3.3 Caracterização dos alunos

Diante do desafio desta pesquisa, precisei me debruçar sobre as inúmeras facetas que formam o ser humano dentro do processo de ensino e aprendizagem, neste sentido foi relevante iniciar a pesquisa, com os alunos, que ao meu ver são diretamente afetados no ato avaliativo, para isso, fez-se necessário saber quantos são os alunos distribuídos nas três turmas de 3º ano da escola pesquisada.

**Gráfico 1:** Composição das turmas de terceiro ano

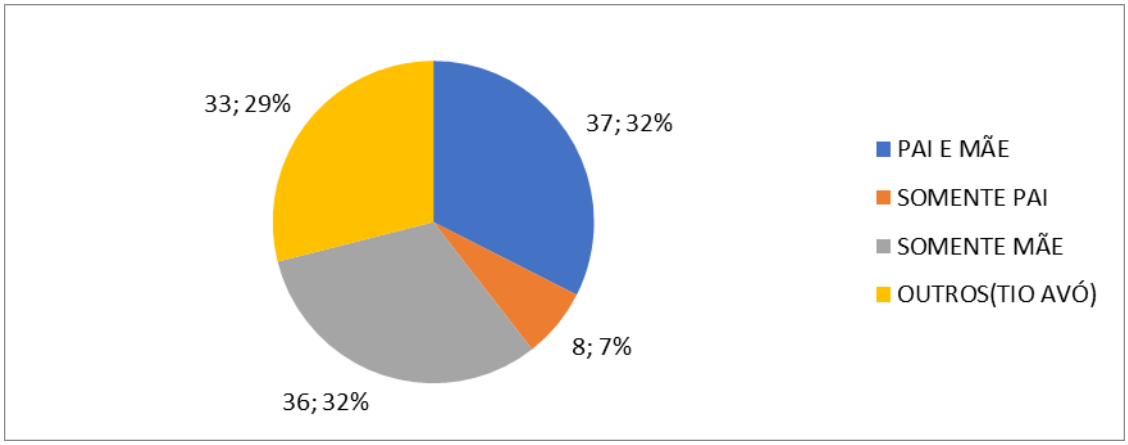



Fonte: Pesquisa de campo.

O gráfico 1 mostra a composição das turmas na escola Elizabeth Lobato Farias Rodrigues, quanto à presença de meninos e meninas. Nas três turmas pesquisadas existem um número maior de meninas em relação ao número de meninos. Em números absolutos são 65 meninas e 46 meninos. Em todas as escolas do município existe uma certa predominância das meninas nas salas de aula e na escola Elizabeth Farias Lobato Rodrigues não é diferente.

Quando perguntei sobre a família, mais especificamente sobre os responsáveis legais, as crianças responderam:

**Gráfico 2**: Adulto responsáveis pela criança.




**FONTE:** Pesquisa de campo

As famílias dos alunos são compostas das mais diversas formas, todavia, a composição pai e mãe representam a maioria das famílias, embora as famílias chefiadas por mulheres sejam quase equivalentes ao das chefiadas por pai e mãe. Do mesmo modo, há um número expressivo de famílias chefiadas por tios, avós, etc.

As mudanças que veem acontecendo na estrutura familiar na atualidade têm se tornado desafios para educadores e educandos. Pois, a base de referência é a diversidade e, o respeito à diferença é um processo de construção coletiva no qual a escola tem um papel muito importante. Escola e família precisam estreitar a relação e buscar em conjunto meios para superar a exclusão tão presente no âmbito educacional.

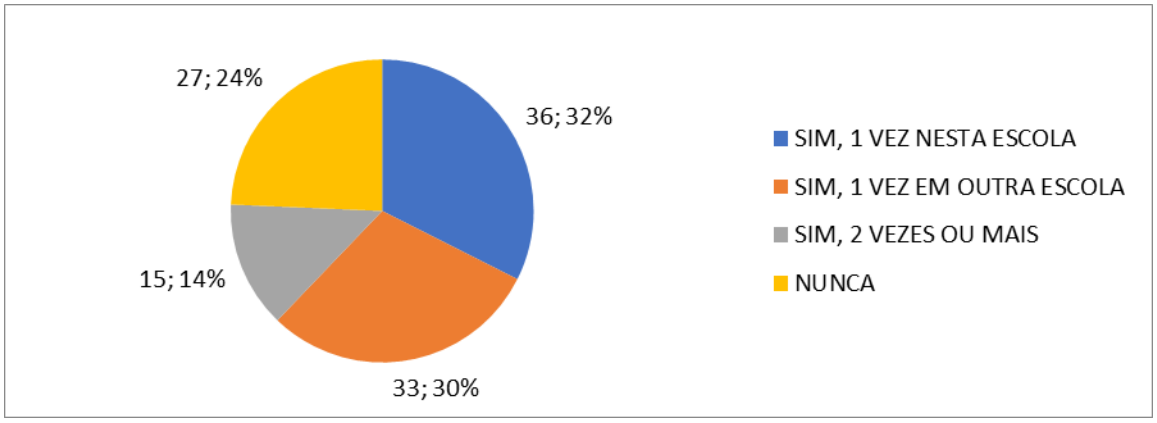
O gráfico 2 aborda a situação das crianças em casa, no seu ambiente, lá onde ela passa a maior parte do tempo e carrega com ela o traço dessa convivência, e neste momento da pesquisa acredito mesmo que é necessário desvendar o sujeito e conhecê-lo, fazendo um levantamento deste como pessoa.

> A existência porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco nutrir-se de falsas palavras, mais de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. (FREIRE, 2005, p. 90).

Para Freire (2005) quando homens e mulheres dentro do seu ambiente, conseguem avançar além da sua zona de conforto, deparam-se com a "sua realidade problematizada" e para a resolução destes é necessário um outro olhar, uma nova maneira de compreender o mesmo ambiente e lidar com uma realidade dinâmica em constante modificação. Exigindo uma ação constante no sentido de não aceitar a própria realidade, pré concebida. Para Freire (2005, p. 90) "Não é no silencio que os homens se fazem, mais na palavra, no trabalho, na ação-reflexão".

No gráfico 3 apresento os dados do desempenho dos alunos na escola com relação à repetência escolar. Perguntei: você já repetiu de ano?

**Gráfico 3:** Repetência escolar.




**FONTE:** Pesquisa de campo

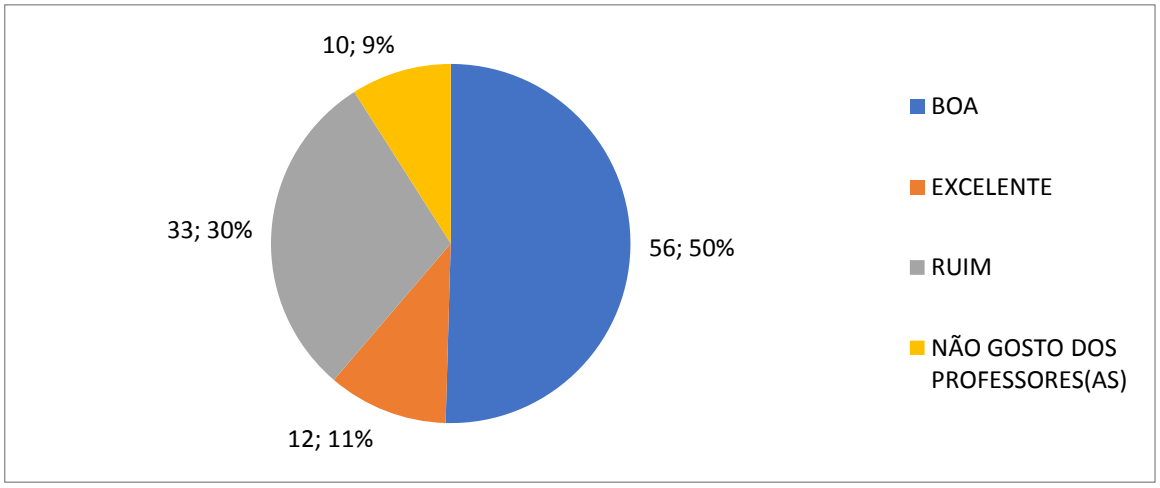
A maioria das crianças já conviveu com a reprovação escolar. Este é o cerne do problema do ato avaliativo, qual seja o fracasso escolar. A repetência gera consequências cognitivas, afetivas e sociais, pois, entra no mérito da exclusão, porque faz o julgamento de valores dos que sabem e são premiados com a classificação para os que não são capazes e como consequência são retidos e mais que isso é tirado o direito de inclusão com sucesso, nesse sentido fica notório na fala de Luckesi. Para LUCKESI (2011, p. 198/199) [...] na sala de aula a seletividade é grave, pois atinge as raias da exclusão. Quem obtém a classificação mínima esperada é incluído, quem não obtém é excluído. A seletividade suprime a possibilidade de futuros investimentos nos excluído.

Nesta perspectiva, compreendo que o fracasso escolar está intimamente ligado a forma dissociada de avaliação e aprendizagem, tornado essas práticas antagônicas no processo educativo, pois, uma vez distintas cabe a exclusão e a seletividade, porque não se enxerga além de números e, desta maneira, fica de fora a construção individual e coletiva do sujeito dentro dos fatores internos e externos que o constrói.

Este modo de avaliar é alienante e classificatório, não contribui para o sucesso escolar porque limita e inibe a autonomia, uma vez, que não dá possibilidades de criar e recriar estratégias que possibilitem e aproxime o educando da sua fonte de desejo, o saber.

Percebo o quanto a escola parece distante da realidade dos alunos, o quanto a grade curricular não é pensada para este e para a sua realidade, e desta forma nem mesmo o professor tem poder de mudança, se atentarmos para o fato de que na escola Elizabeth farias lobato Rodrigues nas três turmas do 3º ano do ensino fundamental, no ano de 2017, 76% já haviam sido reprovados, uma ou duas vezes na vida estudantil, ou seja, de 111 alunos pesquisados 84 repetiram o terceiro ano mais de uma vez. Perguntamos como é a sua relação com seus professores?

**Gráfico 4:** A relação dos alunos com os professores



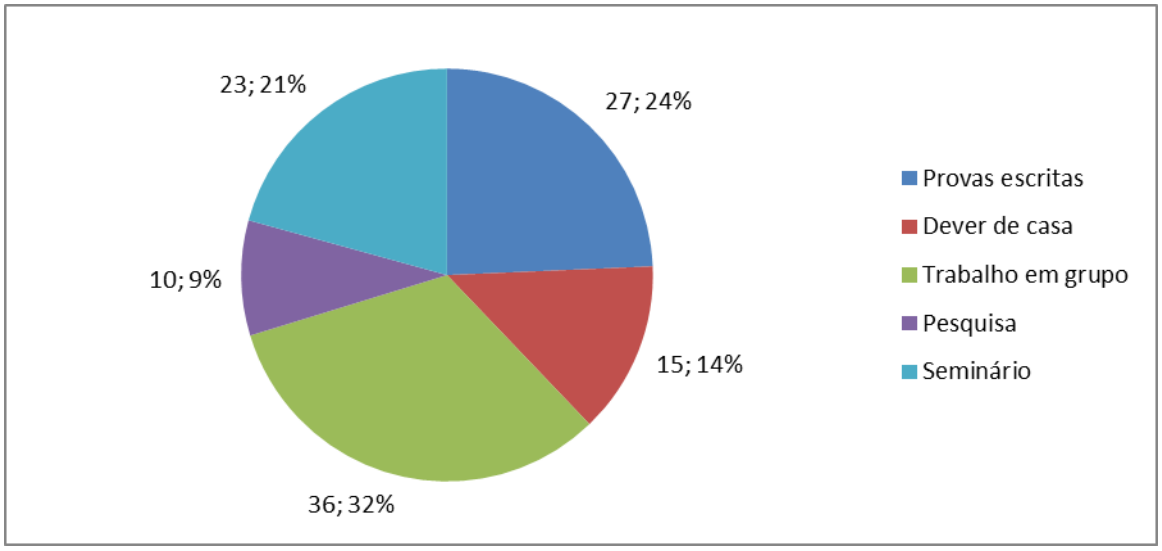

**FONTE:** Pesquisa de campo

O gráfico 4 mostra a complexa relação entre professor-aluno e como está se constrói no cotidiano cheio de conflitos, pois para o professor é necessário que o aluno se comporte adequadamente em sala de aula, o obedeça, respeite os colegas, copie o assunto, ou seja, apresente dentro do possível uma "atitude passiva". Todavia, no ambiente de sala de aula não existe alunos homogêneos, cada aluno traz consigo uma carga de conhecimentos, pensamentos e atitudes frutos das suas convivências cultural, social e familiar, fatores externos que dificultam a convivência distanciando o professor do aluno. Neste sentido é valido também compreender que o aluno idealiza um modelo perfeito de professor, que quando não o encontra em todos seus anseios é o estopim para os conflitos, dificultando o processo ensino / aprendizagem.

Para isso o diálogo se configura como um importante caminho para que se crie no ambiente escolar um clima de amizade e confiança. Como nos afirma Freire (2001, p. 142) [...] Só o dialogo comunica. E quando os dois polos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo.

Sendo assim, apesar dos números do gráfico indicar que a maioria dos alunos respondeu que a convivência com os professores é boa, o gráfico alerta para a porcentagem significativa de alunos que não convivem bem com os seus professores, me fazendo refletir que a ausência do diálogo e a forma fria e superficial na relação professor/ aluno deixa margem para a desigualdade, o autoritarismo e o desinteresse na aprendizagem, pois somos seres afetuosos e o afeto nos estimula para aprender mais e melhor.

**Gráfico 5:** Tipos de avaliação preferidos pelos alunos




**FONTE:** Pesquisa de campo

Se olharmos para o gráfico 5 vamos ter noção das preferências dos alunos acerca dos instrumentos de avaliação utilizados pelo professor em sala de aula. Observamos que o trabalho em grupo é o instrumento preferido pelos alunos, seguido da prova escrita, seminário, dever de casa e por último vem a pesquisa. Para Freire (2005) para a construção de um conhecimento reflexivo e crítico, é fundamental que haja por parte da escola ou do professor uma investigação da vida do aluno, para que possa a partir de sua realidade e, com base em diversos instrumentos avaliativos, encontrar formas de fazer uma avaliação que se paute nos seus conhecimentos construído com a sua interação com o meio, para assim produzir novos e significativos conhecimentos. O trabalho em grupo, preferido pelos alunos, se contrapõe a forma tradicional de avaliação de notas e provas.

Diante desses indicadores analisamos que a avaliação escolar não está preocupada com os interesses dos alunos, pois, não parte de uma construção coletiva com os mesmo e os gostos dos professores ainda é soberano no ato de avaliativo deixando as particularidades, as afinidades dos educandos em segundo plano, tornando-os meros instrumentos a ser medido na perspectiva da classificação, com isso, o aluno é aprisionado, limitado, desvalorizado no processo onde ele deveria ser responsável e construtor do seu próprio aprendizado.

Através deste estudo enfatizamos a importância do professor avaliar de forma contínua, de avaliar o processo, não somente a aprendizagem de conteúdos para a realização de uma prova. Como vemos em Hoffmann (2003, p.22) As notas e provas funcionam como redes de segurança em termos de controle exercido pelos professores sobre seus alunos, da escola e dos pais sobre os professores, do sistema sobre suas escolas. Controle esse que parece

não garantir o ensino de qualidade que pretendemos, pois, as estatísticas são cruéis em relação à realidade das nossas escolas.

O questionário mostra um perfil de aluno que carrega consigo um histórico familiar diversificado, sendo que muitos moram com avós, tias, somente com pai, somente com mãe, no entanto apresenta crianças complexas quanto à convivência dentro do espaço escolar, pois uma das possibilidades que esses números apontam e a de que a escola se apresente pouca atraente para estas crianças que acabam vendo no professor o vilão da relação e a escola como um espaço de punição, de exclusão daqueles que possuem um ritmo de aprendizagem mais lento através da reprovação, atitude que é contestada por Romão (2005, p. 44) que diz:

> Está comprovado que a tendência de um aluno reprovado uma vez é ser reprovado mais vezes; o que nega, in limine, a eficácia da reprovação como instrumento de "recuperação da aprendizagem". Aliás, esta expressão é bastante ambígua. "Recuperar" algo significa resgatar o que se perdeu.

Como o autor aponta, não podemos mais continuar apáticos diante de um processo avaliativo, que pensa o aluno como uma mera formula, ou números, que deve se submeter a perder e depois se recuperar. Esse é o pensamento que tem colaborado para o fracasso escolar, e aqueles que podem mudar essa situação, esperam que a mudança no processo educacional venha de cima para baixo, através de leis e projetos que tem se mostrado insuficiente, algo mais prático se faz necessário e o professor precisa mostrar-se sensível a esta realidade, e ser um ávido caçador em busca de novas metodologias e novas formas de avaliar a aprendizagem e, como consequência o seu próprio trabalho.

> A expressão está carregada de uma conotação pedagogicamente negativa, pois evoca que o "perdido" é o aluno e ele necessita ser "recuperado". Ora as pessoas aprendem, quaisquer que sejam as razões, em ritmos diferenciados. No fundo a "recuperação" nada mais séria do que o processo de aprendizagem de alunos cujo ritmo, não importando quais fatores intervieram nas dificuldades iniciais é circunstancial ou estruturalmente mais lento. (ROMÃO, 2005, p.44)

É imprescindível que o processo educacional avance no sentido, não de pensar a recuperação de uma nota ou conceito, de um determinado aluno ou turma, precisamos, sobretudo, mudar a maneira de como o aluno se enxerga dentro deste processo, ele precisa acreditar na sua capacidade.

> A recuperação e a reprovação batem fundo na autoestima do aluno e alimentam o processo de internalização da cultura do fracasso. "Meu filho não tem jeito para o estudo" é uma expressão que se ouve com frequência nas escolas públicas [...]. Mais uma vez, debita-se na conta do próprio aluno e de sua família a razão de seus

> insucessos. Com este mito, a escola exime-se de toda responsabilidade decorrente de sua natureza institucional [...]. (ROMÃO, 2005, p.44 e 45)

É este, o período propício para fazer uma criança, segundo Romão (2005), acreditar no seu potencial como pessoa e permitir a este e sua família visualizar uma ponte entre educação e vida, entre o ensino e a troca de experiências e conhecimentos, e uma vida embasada em diversos olhares sobre a sua própria realidade.

> E as crianças? Podem falar na sala de aula? São ouvidas ao falar? Podem decidir o que discutir pesquisar, estudar, ler, escrever? Participam do processo de avaliação? Quem avalia quem? Sabemos que muitas vezes, ou melhor dizendo, na maioria das vezes, as crianças não são ouvidas. Seus saberes, fazeres e modos de aprender não são (re) conhecidos e legitimados no dia a dia da sala de aula. (FERNANDES, 2014, p. 162)

De acordo com a autora é possível refletir que na escola pesquisada, assim como ampliando o olhar para as escolas brasileiras, os conhecimentos dos alunos, suas particularidades, torna-se secundário no processo avaliativo, tornado o mesmo desprovido de autonomia. Tornando os instrumentos avaliativos autoritários, seletivos e, sem significado, uma vez, que o educando não participando da construção desses instrumentos, torna-se um mero objeto a ser testado, medido de maneira quantitativa, aumentando dessa maneira a rejeição a alguns métodos avaliativos como a prova.

## 3.4 A importância da avaliação no processo ensino aprendizagem

Avaliação deve ser vista como um instrumento que pode ser utilizado pelo professor para obter dados sobre o processo de ensino-aprendizagem, reorientar a prática educacional permitindo que os alunos avancem na construção do conhecimento. Esse processo deve ocorrer não apenas no final de cada bimestre, mas ao longo de todo o desenvolvimento da aprendizagem. Inicialmente, convém levantar informações sobre o conhecimento prévio que os alunos possuem. É importante também observar as diferenças individuais do aluno, e avaliar as possibilidades de aprendizagem de cada um.

Neste sentido iniciamos nossa pesquisa com P1, P2 e P3 perguntando a eles, qual a importância da avaliação no processo ensino aprendizagem?

> P 1: É essencial desde que seja uma avaliação não só para os alunos, mais sim para o material didático, as condições de trabalho, a escola, o professor, a participação dos pais e o sistema educacional.
>
> P 2: Importantíssima, uma vez que possibilite ao processo educacional, rever métodos e práticas pedagógicas que norteiam o ensino.

> P 3: A avaliação é de suma importância, quando está relacionada ao aprendizado e ao desenvolvimento educacional do aluno.

Nesse sentido, a avaliação da aprendizagem tem como finalidade o desenvolvimento de capacidades do aluno e o trabalho com diferentes objetos de conhecimento, além de requerer do professor uma atitude constante de análise e reflexão dos aspectos quantitativos e qualitativos resultantes do processo de ensino-aprendizagem.

É importante ressaltar que, em qualquer etapa da avaliação, o registro constante e sistemático dos resultados dos alunos é indispensável para garantir a eficácia dessa prática.

Portanto, a avaliação deve ter como parâmetros e critérios, expectativas de aprendizagem, visto que avaliar deve ser concebido como um processo no qual professor e alunos reflitam sobre seus avanços e dificuldades na construção do conhecimento. Dessa forma, o professor pode acompanhar a construção das competências dos alunos, levando em consideração o fato de que as manifestações desses avanços não são idênticas nem lineares.

Desta forma, o professor P1 mostra que a importância da avaliação é grande no processo, especialmente quando a mesma é utilizada para se avaliar o processo como um todo, não somente o aluno como um elemento isolado dentro da dinâmica educacional.

Para o professor P2 a avaliação é importante para analisar o processo educacional e rever as práticas do professor ou da escola que no momento, não estão surtindo o efeito desejado e, para o professor P3 a avaliação assume a sua importância dentro do processo quando está relacionada com o desenvolvimento educacional do aluno, com a sua atenção voltada especificamente para a aquisição de aprendizagem por parte deste.

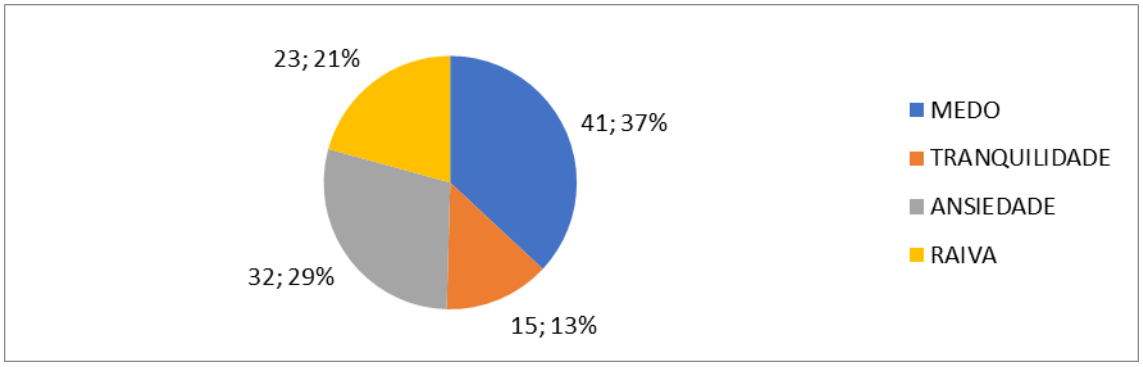
Portanto, a avaliação deve ter como parâmetros e critérios, expectativas de aprendizagem, visto que avaliar deve ser concebido como um processo no qual professor e aluno reflitam sobre seus avanços e dificuldades na construção do conhecimento. Dessa forma, o professor deve elaborar as expectativas de aprendizagem dos alunos, compreendendo que as manifestações desses avanços não são idênticas nem lineares. Tendo em vista que a avaliação se amplia para a construção pessoal e cidadã possibilitando aos envolvidos no processo a aquisição de sua identidade como professor e como aluno, e como pessoa de direitos que precisa ser vista e estimulado como sujeito de sua formação pessoal e social, como afirma: (LUCKESI, 1997, p. 174) “A avalição, aqui, apresenta-se como meio constante de fornecer suporte ao educando no seu processo de assimilação dos conteúdos e no seu processo de constituição de si mesma como sujeito existencial e como cidadão”.

Nesta busca mutua de um saber autônomo e socialmente construído a avaliação da aprendizagem se mostra não como um ato isolado e opressor, mas como um processo que é contínuo e participativo, pois tem um olhar para além dos conhecimentos sistemáticos, sua visão atinge o ser humano na sua liberdade de pensar, agir e construir dentro de uma aprendizagem democrática e cidadã.

## 3.5 Sentimentos que a avaliação provoca no aluno

Quando o assunto foi avaliação, pude perceber que o clima ficou mais tenso em sala de aula e que os alunos tanto do período matutino como vespertino automaticamente já associam a palavra a prova escrita. No gráfico seguinte mostramos as sensações, ou os sentimentos que a avaliação provoca nos alunos. Perguntamos: O que você sente ao realizar uma prova?

**Gráfico 6**: Sentimentos que a prova provoca nos alunos




**FONTE:** Pesquisa de Campo

Ao serem questionados sobre o que sentem ao realizarem uma prova o gráfico aponta que a maioria dos alunos sente medo, seguidos de ansiedade e raiva. O sentimento tranquilidade ocupa a menor parcela dentre os alunos pesquisados, diante destes indicadores conclui-se que nas turmas do 3º ano do ensino Fundamental na Escola Elizabeth, os educandos sentem-se impactados e preocupados quando a palavra de ordem é a prova, pois, se veem como os únicos responsáveis pelos resultados, fazendo desse ato avaliativo, coercitivo e punitivo aumentando a lacuna entre o gosto em aprender e o medo de errar, pensamento que nos aponta freire:

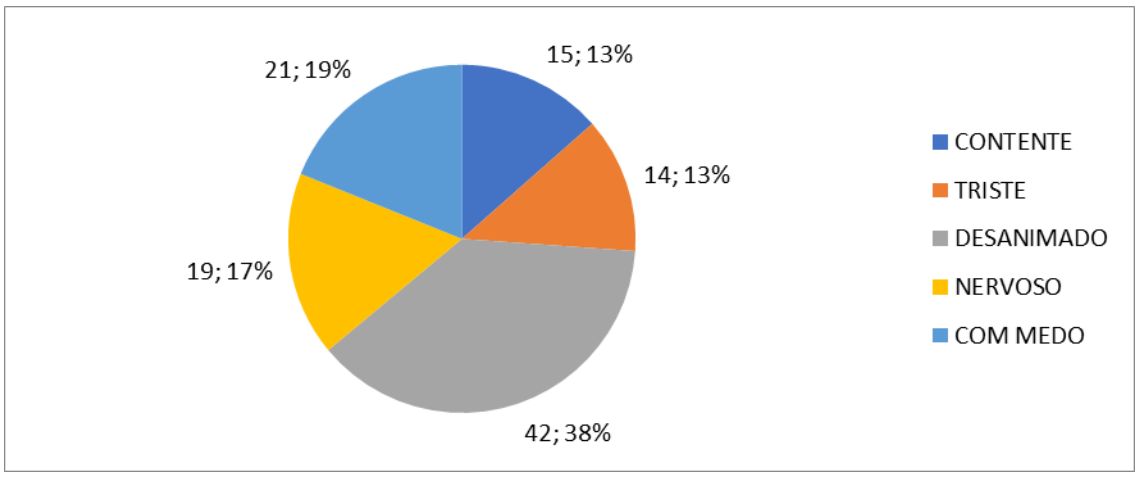
> Uma educação em que a liberdade de criar seja viável necessariamente tem de estimular a superação do medo da aventura responsável, tem de ir mais além do gosto medíocre da repetição pela repetição, tem de tornar evidente aos educandos que errar não é pecado, mas um momento normal do processo gnosiológico. É importante que o educando, não importa se alfabetizando adulto à procura do comando gráfico de sua linguagem ou se criança deslumbrando-se com suas

> descobertas do mundo ou se adolescente pensando o próprio pensar, é fundamental que o educando experimente sempre situações em que termine por incorporar a seu saber constituindo-se o saber de que errar é momento do processo de conhecer. A necessidade de superar o erro, que nos deve tornar mais rigorosos na *aproximação metódica* ao objeto para apreender sua razão de ser, não nos deve inibir como se, cair nele, fosse um pecado por causa do qual devêssemos ser punidos. (FREIRE, 2000. p. 57).

A prova escrita como único instrumento de avaliação ou como o instrumento que tem peso maior, provoca nos alunos uma sensação de medo, pois quando questionados pela pesquisa, que você sente ao realizar uma prova? Simplesmente 41 alunos marcaram a opção medo, ou seja, os alunos sentem medo sempre que se anuncia na sala de aula que ele vai precisar fazer uma prova.

Quando perguntamos: Como o resultado da prova te deixa?

**Gráfico 7**: Sentimentos que os resultados das provas provocam nos alunos.




**FONTE:** Pesquisa de Campo

A pesquisa chegou num momento crucial, pois se trata do sentimento dos alunos em relação à avaliação, como os resultados desse ato avaliativo lhe afeta, uma vez que não somos seres apáticos, diante das ameaças externas e dos nossos conflitos pessoais, pois, cada aluno leva nos seus ombros, ideais, sonhos e interesses de outrem como professores, pais, sistema de ensino, que exigem números e distorcendo o papel formativo da avaliação, sendo que:

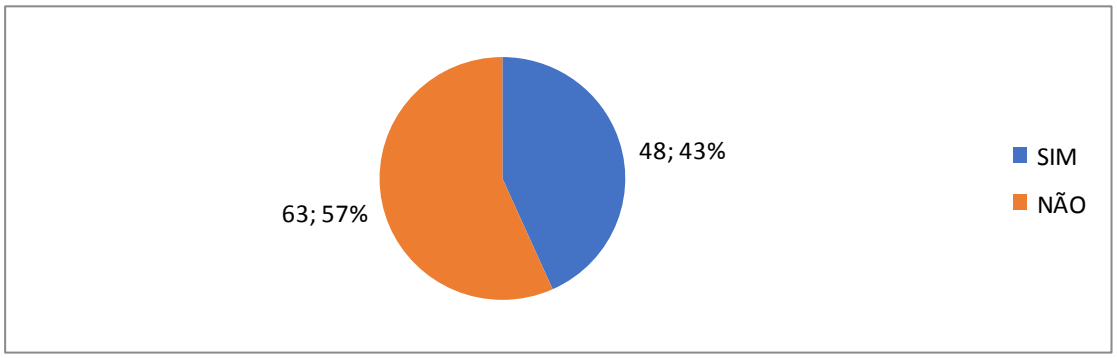
> Na escola, um examinador poderá dizer a um estudante: “você não sabe.” Porém um avaliador dirá: “O que ocorreu para que seu desempenho, neste momento, esteja sendo insatisfatório? Ou: “você ainda não sabe, mas poderá saber se trabalharmos mais um pouco.” A fala do examinador é taxativa e excludente, a do avaliador é inclusiva e construtiva, pelo fato de o exame ser pontual e a avaliação ser não pontual. (LUCKESI, 2005, p.195)

Quando o gráfico aponta que a maioria dos alunos se sentiram desanimados com os resultados da avaliação é notório que a forma pontual e seletiva do ato avaliativo não deixa margem para a construção do conhecimento, pois está atrelado ao desempenho do aluno naquele momento e com aquele instrumento de coleta de dados, que desanima e sobrecarrega o mesmo, não abrindo caminhos para a novos e positivos resultados.

Mas, uma visão de avaliação ampla, motivadora por parte de professores e alunos aumenta a autoestima e aviva o potencial que habita em cada sujeito, implicara em alunos estimulados e ativos na busca de um saber ético, que constrói identidades e cria seres competentes.

Quando a pergunta foi em relação ao resultado das provas, a resposta mais frequente foi a que o resultado da prova deixa eles nervosos, neste caso, 42 crianças marcaram esta opção, e o que chamou a atenção neste ponto do questionário é que as outras opções como: você fica contente? Você fica triste? Você fica desanimado? Você fica com medo? Apareceram na pesquisa com números muito próximos de respostas dos alunos, mostrando que os métodos de avaliação utilizados pela escola Professora Elizabeth Farias Lobato Rodrigues no 3º ano do ensino fundamental têm provocado as mais variadas sensações nas crianças. Quando perguntamos: Quando você não entende o assunto a professora explica de outra forma?

**Gráfico 8**: Quando o aluno não compreende o assunto a professora explica de outra forma?




**FONTE:** Pesquisa de Campo

Em sala de aula, o professor precisa cuidar, para que a dinâmica do processo de ensino-aprendizagem se desenvolva de maneira a “libertar” os que estão enclausuradas em suas ideias pré-concebidas e desta forma possam apresentar uma maior abertura ao “novo”, a tudo o que se constrói dentro de um debate reflexivo e comprometido com a realidade de ambos, como trata Freire (2005, p. 100):

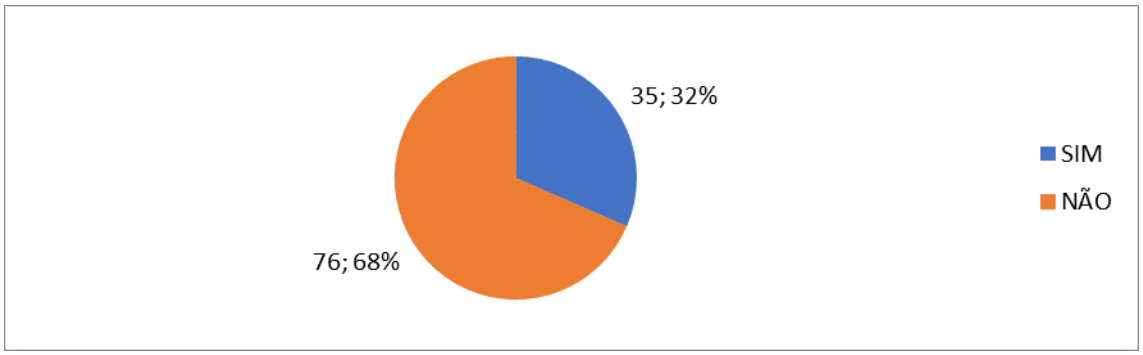
> Nosso papel não e falar ao povo sobre a nossa visão do mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa [...] Por isso mesmo é que muitas vezes educadores e políticos falam e não são entendidos. Sua linguagem não sintoniza com a situação concreta dos homens a quem falam. E sua fala é um discurso a mais, alienado e alienante. (FREIRE, 2005, p. 100)

Possibilitar ao aluno se compreender autônomo é para Freire (2005), construir arcabouços de interação entre professor e aluno, permitindo a ambos uma maior e melhor locomoção dentro do discurso, convivendo com diversas ideias dentro do mesmo espaço de construção de saber. Onde a curiosidade pelo novo, levará ambos a uma maior entrega, com mais compromisso a tudo o que se faz necessário dentro de um diálogo existencialista, inovador e libertário.

A pesquisa mostra que os alunos não entendem o que os professores ensinam e que muitas vezes o professor não procura novas metodologias para trabalhar em sua aula, agravando ainda mais a sensação de cansaço e desanimo nas crianças.

Perguntamos aos alunos se seus pais estudam em casa com eles. As respostas estão sistematizadas no gráfico abaixo:

**Gráfico 9**: Participação dos pais nos deveres de casa dos alunos




**FONTE:** Pesquisa de Campo

Sabemos que a participação da família é fundamental na promoção de uma educação de qualidade, quando esse elo é quebrado, a fragilidade no processo educativo fica evidente, uma vez que, uma depende da outra e quando comungam dos mesmos objetivos e trabalhamos em conjunto, todos os sujeitos envolvidos, ganham em qualidade de aprendizagem.

Sobre essa concepção, Hoffmann (2005, p.87-88) afirma:

> [...] professores, administradores, atendentes, funcionários, técnicos, pais e familiares devem estar disponíveis para refletir sobre os interesses, as necessidades, as conquistas das crianças, no sentido de auxiliá-la em suas tentativas. O que não

> quer dizer que se deva efetivar uma prática de reuniões periódicas com os pais para entrega de pareceres finais, mas, ao contrário, significativa criar oportunidades frequentes de troca de ideias entre os adultos que trabalham com a criança e destes com seus familiares.

Portanto, o gráfico mostra que das crianças que participaram da pesquisa, 76 responderam que não possuem apoio dos pais em casa para a realização das tarefas passadas pelos professores assim como na compreensão de determinados assuntos. E desta forma a participação da família como co-responsável na construção e desenvolvimento da aprendizagem dos seus filhos evita transferência de responsabilidade tão comum no âmbito educacional. Contudo, a escola precisa ser atraente e convidativa para a comunidade escolar, evitando ser um "pronto socorro" da aprendizagem, ou seja, lugar que somos obrigados a ir, no caso de eventuais emergências, fruto das dificuldades dos alunos do e seu regresso decorrente da mazela chamada fracasso escolar. Se por outro lado a escola promove eventos diversificados e chamar os pais para contribuir, ouvir e ser ouvido, essa união irá gerar benefícios significativos para toda a comunidade escolar.

Sem dúvida, os números da pesquisa apontam para uma situação complexa, pois entendemos que educação se faz coletivamente, onde família, escola e sociedade caminham juntas no sentido de desconstruir mitos e construir cidadãos mais comprometidos com uma reflexão mais próxima da sua realidade, a respeito dessas dificuldades Romão (2005) aponta que;

> Tudo leva a crer que, além das dificuldades resultantes da má formação, os problemas da avaliação da aprendizagem resultam também do tráfico ideológico das elites, que têm conseguido certos consensos mitológicos, favoráveis, evidentemente, à manutenção do status quo individualista, meritocrático, discriminatório e injusto (ROMÃO, 2005, p. 43).

Compreender que o sistema educacional, possui seus interesses e que por outro lado a família luta para preservar seus valores, e no meio desse jogo de interesses encontra-se o aluno e, neste sentido, Romão (2005, p. 43), afirma que: "É claro que o estudo exige concentração e disciplina. Lembro-me de alunos cujas famílias permitiam certa licenciosidade quanto à organização da vida de estudos, e que quando precisaram, como adultos, da concentração por tempo mais dilatado, não puderam suportá-la".

Na escola Elizabeth Farias Lobato Rodrigues, as atas de reunião mostram que a escola procura a parceria e chama a atenção dos pais para um melhor acompanhamento de seus filhos e, por exemplo, à fala de uma mãe na ata da reunião de pais e professores do dia 27 de Maio de 2016, mostra como se dá essa relação:

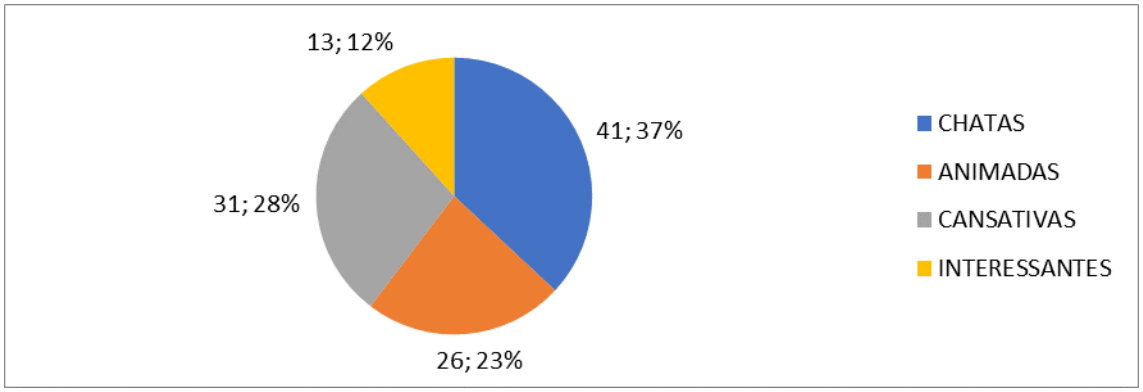
> Eu não tenho muito leitura, mais procuro sim ajudar meu filho, quando ele chega em casa, eu entendo que o meu filho reclama muito do despreparo da professora que chega na sala e senta e só pede pra outra professora (professora adjunta), escrever no quadro e ele fala que ela escreve muito que chega a doer a mão dele, mais eu procuro ajudar só que o meu filho é criança e precisa brincar, com as outras crianças. (ATA DA REUNIÃO, p. 2, 2016)

Neste sentido, Romão (2005, p. 43) afirma: "Mais importante do que ser muito exigente ou rigorosa quanto à disciplina cobrada dos alunos, é a capacidade de ser provocadora da leitura crítica das determinações naturais e sociais, de ser estimuladora da criatividade e da independência reflexiva".

A professora, a escola e a família precisam instigar o aluno quanto a sua possibilidade de compreender melhor a sua realidade, com autonomia e segurança compatível para aquele ciclo da vida, não pode exagerar na cobrança, assim como, não deve permitir que a criança deixe de lado suas necessidades de adquirir e compartilhar conhecimento.

Perguntamos para os alunos: Como as aulas costumam ser?

**Gráfico 10:** Características das aulas




**FONTE:** Pesquisa de Campo

A sala de aula precisa ser concebida como um espaço de interação e comunicação, as aulas consequentemente devem se pautar em proposta dinâmicas que promova situações de aprendizagem, aulas planejadas motiva a pesquisa porque não permite respostas prontas e acabadas, mas possibilita o pensar e aponta caminhos para encontrar a resposta e assim construir conhecimentos, proposta educativas dialógicas, aulas interessantes e animadas alunos autônomos e com aulas chatas e cansativas alunos parados e passivos. Nessa perspectiva, Freire (2011, p. 142/143) argumenta que:

> O antidiálogo, que implica uma relação vertical de A sobre B, é o oposto a tudo isso. É desamoroso. É acrítico e não gera criticidade, exatamente porque desamoroso.

> Não é humildade. É desesperançoso. Arrogante. Autossuficiente. Por tudo isso, o antidiálogo não comunica. Faz comunicados. [...] O homem, afinal, no mundo e com o mundo. O seu papel de sujeito e não de mero e permanente objeto, como fazedor desse mundo da cultura.

Destaca-se na fala do autor e é notório também na pesquisa, que a ausência de diálogo fomenta a incompreensão e não permite a comunicação, criando barreiras que dificultam o aprendizado, tornando educadores e educandos estranhos e alheios ao processo educativo, uma vez que não existe ligação entre eles, e sem interação proporcionada no espaço escolar não cabe uma metodologia acessível e construtiva e tampouco um ensino eficaz. Sendo assim Luckesi (2003, p.125) aponta que:

> Se nós professores, na sala de aula não podemos dar conta da política de oferta de vagas e de acesso dos educandos à escola, podemos dar conta de um trabalho educativo significativo para qualidade, será um fator coadjuvante de permanência dos educandos dentro do processo de aquisição do saber e consequentemente um fator dentro do processo de democratização da sociedade.

Imprescindível no processo de ensino e aprendizagem uma relação de igualdade e respeito, aulas que estimulem as potencialidades e trabalhe as dificuldades de cada aluno, de forma amorosa e particular, evitando rotular e excluir. Aulas significativas, onde o espaço de sala de aula seja facilitador da comunicação, capaz de motivar os alunos a expressarem seus anseios, medo, desejos e habilidades conduzindo-o a criar e participar ativamente da sua formação pessoal e social. Nesse sentido, as aulas poderão se tornar mais interessantes e animadas a partir do momento que as conquistas, e os anseios de um provoque no outro a busca mutua por um saber amoroso, ético, dialógico, construído pela interação do com todos as partes e com o meio onde vivem.

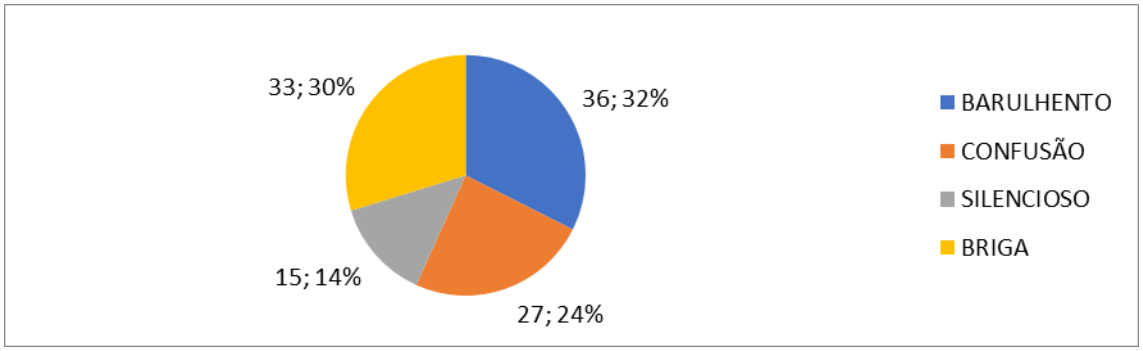
> O antidiálogo, que implica uma relação vertical de A sobre B, é o oposto a tudo isso. É desamoroso. É acrítico e não gera criticidade, exatamente porque desamoroso. Não é humildade. É desesperançoso. Arrogante. Autossuficiente. Por tudo isso, o antidiálogo não comunica. Faz comunicados. [...] O homem, afinal, no mundo e com o mundo. O seu papel de sujeito e não de mero e permanente objeto, como fazedor desse mundo da cultura. (FREIRE, 2011, p. 142, 143)

Quando questionados a respeito de como as aulas costumam ser, as respostas dos alunos ficaram na média entre chatas e cansativas, apesar de um número significativo responder que aulas são interessantes, a minoria disse que as aulas costumam ser animadas, mostrando, neste quesito, que as aulas para a maioria dos alunos pesquisados são cansativas,

diante desse desafio é interessante analisar os fatores que contribuem para uma aula cansativa e desestimulante. Neste caso Hoffman (2005, p. 13) aponta que:

> O que se precisa questionar, no meu entender, são os princípios que fundamentam tais práticas avaliativas, que cada vez mais estreitas e padronizadas, impedem ver e sentir cada sujeito da educação em seu desenvolvimento integral e singular, negando a heterogeneidade que os torna humanos e limitando o acesso a escola apenas aos que se aproximam ou se submetem a expectativas rigidamente determinadas por ela.

**Gráfico11:** Ambiente da sala de aula




**FONTE:** Pesquisa de Campo

Em um determinado momento da pesquisa questionamos o ambiente da sala de aula e para tal indagação constatei que os alunos demonstram certa consciência com o seu comportamento em sala de aula e que quase sempre este comportamento acontece devido uma atitude muito permissiva de professores (as) e pais, pois 36 alunos marcaram que a sala de aula é barulhenta e 33 outros alunos apontaram um ambiente de muita briga entre professores (as) e alunos e entre alunos e alunos e 15 alunos marcaram a opção silencioso e 27 falaram que a sala de aula apresentava um ambiente de muita confusão.

# 4 CONCEPÇÃO DE AVALIAÇÃO DOS PROFESSORES

Para Romão (2005), a avaliação é um processo pelo qual se procura identificar, aferir, investigar e analisar o rendimento do aluno, do educador e do sistema, confirmando, se a construção do conhecimento se processou. Neste sentido, é através da avaliação que o professor e a escola poderão verificar se os objetivos do ensino e de seus planos foram alcançados.

Diante disso, procuramos conhecer o processo avaliativo realizado pelos professores do 3º ano do Ensino Fundamental do município de Bagre/PA. Perguntamos aos professores: Qual a sua concepção de avaliação?

> P 1: A avaliação não deve ser baseada em um único instrumento e deve ser processual e permanente do trabalho docente.
>
> P 2: É a avaliação do desenvolvimento cognitivo do aluno, é identificar a assimilação ou não do conhecimento
>
> P 3: A avaliação é feita através de situações de aprendizagem, buscando a aquisição de novos conhecimentos, atitudes ou habilidades.

A avaliação é compreendida como processual (P1), aspecto cognitivo (P2) e relacionado a situações de aprendizagem (P3). Podemos perceber nas falas de P2 e P3, que a avaliação está direcionada ao aspecto intelectual do aluno. O professor P2 compreende a avalição como um processo que se realiza diariamente em sala de aula na construção do conhecimento, como um ato inerente ao processo de ensino-aprendizagem.

Para P1 pensar a avaliação como um ato natural do dia a dia em sala de aula, é fundamental, mesmo sabendo que na estrutura da educação no município de Bagre, na maioria das vezes, o professor não encontra no ambiente escolar, apoio, incentivo por parte do sistema, pois o mesmo está preocupado em obter resultados urgentes e brilhantes em pouco tempo e sabemos que uma educação pensada, muitas vezes você planta hoje para colher, no futuro.

Avaliar de maneira classificatória ou simplesmente para selecionar costuma dar menos trabalho para o professor e provavelmente, em virtude deste “detalhe” esta prática torne-se muito comum na realidade pesquisada, pois nesta forma de avaliar o trabalho se encerra, quando se chega às notas, sejam estas boas ou ruins.

Em virtude da necessidade de entender como os professores que participaram da pesquisa, compreendem o ato de avaliar questionamos os mesmos sobre os objetivos deles no ato de avaliar:

> P 1: Verificar se o aluno aprendeu ou não, levando a reflexão sobre o nível de qualidade do trabalho escolar, tanto do aluno, quanto do professor, para que as mudanças sejam feitas e assim o objetivo seja alcançado.
>
> P 2: Identificar se a aprendizagem ocorreu ou não no aluno, verificando o seu nível de aprendizagem e assim intervir como educador.
>
> P 3: Verificar o desempenho dos alunos.

Quando questionados sobre os objetivos da avaliação a P1 e P3, demonstram em sua fala um certa preocupação, em verificar se houve aprendizagem. Já o P2, mostra um cuidado maior com o aluno, quando aponta para uma necessidade de intervir caso o resultado não seja o esperado. Nesse caso, Luckesi (2011) discute que se faz necessário sim que o professor se planeje para que esta intervenção seja frutífera no dia a dia do aluno, não só na escola, mais na vida do mesmo.

## 4.1 O papel do professor no processo ensino-aprendizagem

O ato de avaliar acaba por se tornar muito complexo, o que exige do professor (a) certa dose de competência e muita sensibilidade, primeiro por precisar este ser um profissional que possa ver o aluno além do que aparenta ser, ver a totalidade do aluno, contextualizando a sua realidade e respeitando a sua individualidade.

Quando perguntamos qual o papel do professor no processo de ensino aprendizagem, eles responderam:

> P1: O de mediador.
> P 2: Facilitar a aprendizagem e consequentemente tornar o aluno cidadão, um indivíduo crítico e reflexivo na sociedade em que está inserido.
> P 3: o professor tem um papel fundamental no processo avaliativo, pois cabe à ele (a) elaborar questões já trabalhada.

Para os professores entrevistados, não há um pensamento hegemônico, pois P1 e P2 pensam o seu papel no processo avaliativo como responsável por construir a ponte entre o conhecimento cientifico e o aluno, entre o que se produz em sala de aula e a sua aplicação no cotidiano do aluno, nos debates teóricos que se trava no ambiente escolar e no seu uso, na

sociedade em que este vive assim como a partir das reflexões diárias entre professor e aluno, sobre saberes diversos e sua importância nas relações com o mundo.

E, sendo assim, Freire (2011) mostra que o papel do educador, seja o de fomentar o diálogo entre o alfabetizando e o objeto de estudo, oferecendo uma visão mais ampla dos instrumentos que ele possui para se alfabetizar, daí a importância do respeito entre as opiniões, no sentido de deixar educador e alfabetizando, alfabetizando e sociedade em um mesmo nível de discussão e compreensão dos fatos, partindo de alguns momentos que serão necessários empregarem na pratica de alfabetizar, como o levantamento do universo vocabular dos alunos, seleção de palavras para a formação de temas geradores e com essas informações criar situações existenciais sobre o alfabetizando.

> Mas numa atitude de criação e recriação. Implica uma autoformação de que possa resultar uma postura interferente do homem sobre seu contexto. Daí que o papel do educador seja fundamentalmente dialogar com o analfabeto sobre situações concretas, oferecendo-lhe simplesmente os instrumentos com que ele se alfabetiza. A alfabetização não pode ser feita de cima para baixo, como uma doação ou uma imposição, mas de dentro para fora, pelo próprio analfabeto, apenas com a colaboração do educador. (FREIRE, 2011, p.145, 146)

Freire, (2011), mostra que essa postura do alfabetizando sobre a sua própria realidade, é o ato de apropriar-se criticamente e não de forma memorizada o que está sendo trabalhado dentro do diálogo entre educador e educando, produzindo desta forma o seu próprio sistema de grafia.

E para que este produza o seu próprio cabedal de conhecimento se faz necessário repensar a fala da professora P3, pois, entendo que o papel do professor vai além de formular questões, que já foram até mesmo trabalhadas anteriormente, pois desta forma vamos estar limitando o aluno apensar somente a partir daquele ponto de vista o que, sem dúvida vai lhe tirar a capacidade de ir além, de pensar por si só.

E desta forma o método de alfabetizar ativamente, que possa ajudar o homem a pensar soluções práticas para as situações problemas do cotidiano, é que o autor, aponta como instrumento politizador de homens e mulheres.

Em sua resposta, a professora pesquisada P1, demonstra certa preocupação com o ingresso do aluno na vida social, destacando a importância de viver em uma sociedade, embora não tenha destacado o papel do aluno diante do processo de ensino-aprendizagem. Sua preocupação é que o ensino dos conteúdos curriculares promova a inserção do aluno no meio social por meio do desenvolvimento de valores e atitudes essenciais para a vivência em

grupo. Neste sentido, Romão (2005), discute que o ato de avaliar é algo tão sério e complexo que em um determinado momento torna-se impossível fazê-lo corretamente:

> Este mito se desdobra em dois níveis. No primeiro, a impossibilidade da avaliação correta é atribuída à complexidade da atividade humana que deve ser avaliada, principalmente por se tratar de uma atividade intelectual, com envolvimentos de ordem cultural, social, política, psicológica, econômica e afetiva. No segundo, e este diz respeito à avaliação do trabalho do professor, busca-se a justificativa no argumento de que ninguém pode avaliar, senão ele próprio, o trabalho de um profissional especializado em determinado campo do conhecimento e com tantos anos de experiência. (ROMÃO, 2005, p. 47).

Muitos professores que atuam nas escolas não se dão conta da importante dimensão que tem o seu papel na vida dos alunos. Nesse sentido, um dos aspectos que se quer ressaltar, é a importância da formação do professor e da compreensão que ele deve ter em relação a esse assunto. Pois, não há como acontecer na escola uma educação adequada às necessidades dos alunos sem contar com o comprometimento do professor no processo educativo.

> Os professores em sala de aula trabalham o tempo todo no plano do conhecimento; isto é, deslocam-se no que poderíamos denominar "o campo minado da alta pertinência", uma vez que além de lidarem com conteúdo, habilidades e posturas, tem de desenvolver a instrumentalização dos alunos para que aprendam esses conteúdos, habilidades e posturas. (ROMÃO, 2005, p.49)

Assim, se percebe que pensar sobre a formação de professores é conceber que o professor, nunca está acabado, e que os estudos teóricos e as pesquisas são fundamentais, no sentido, de que, é por intermédio desses instrumentos, que os professores terão condições, de analisar criticamente os contextos históricos, sociais, culturais e organizacionais, nos quais ocorrem as atividades docentes, podendo assim intervir nessa realidade e transformá-la

Perguntamos aos professores: os alunos têm dificuldades nas avaliações?

> P 1: Sim, principalmente quando não estão totalmente alfabetizados, ou seja, não desenvolveram as habilidades necessárias para o ano em que se encontram
> P 2: Sim, Língua portuguesa e Matemática.
> P 3: Sim, na maioria das vezes alguns alunos não prestam atenção e acabam confundindo as questões.

Se refletirmos sobre a fala da professora, P3, as dificuldades dos alunos nas avaliações estão relacionadas ao seu comportamento. Hoffmann (1991) discute essa questão mostrando que:

> Se concebe a aprendizagem do ponto de vista comportamentalista, o professor define como modificação de comportamento produzida por alguém que ensina em alguém que aprende. O conhecimento d aluno vem dos objetos e cabe ao professor organizar os estímulos com os quais o aluno entrará em contato para aprender. A prática pedagógica consistirá, então, na transmissão clara e explicita dos conteúdos pelo professor, apresentando exemplos preferentemente concretos. (HOFFMANN, 1991, P. 54)

Para a autora, o professor deve oferecer ao aluno condições para que este demonstre interesse em suas aulas, através da organização e planejamento de suas aulas, diria ainda mais que esses estímulos empregados pelo professor devem ir além da organização do seu conteúdo, devem incluir nesses estímulos a serem trabalhados o ambiente em sala de aula, a acolhida deste aluno e a aproximação desta aula com a sua realidade.

Para P2 os alunos apresentam dificuldades na aprendizagem dos conhecimentos das disciplinas de Português e Matemática, que são disciplinas fundamentais para a formação dos alunos, é essencial que o aluno adquirira as habilidades de leitura e escrita para sua inserção no mundo da linguagem escrita, assim como os conhecimentos matemáticos são necessários para as trocas comerciais, entre outras coisas. P1 destaca as dificuldades dos alunos que vem para o 3º ano sem os conhecimentos necessários para este nível de ensino, o que exige do professor retornar aos conteúdo do ano anterior para dar conta dessa lacuna na aprendizagem.

Certamente a atuação do professor não é neutra em nenhum momento de sua prática docente e não é diferente na hora de avaliar, por isso, a importância de estar preparado, consciente, agir a favor de uma educação democrática e libertária, capaz de conduzir todos os alunos com sucesso, acreditando e fazendo-os acreditar em suas potencialidades. A tarefa delegada ao professor não é fácil, exige uma postura política, consciente de seu poder, enquanto agente de transformação.

A escola onde a pesquisa foi desenvolvida vem construindo a sua própria história no processo educacional deste município, por ser uma escola, construída há pouco tempo, ela conta com profissionais na sua maioria em início de carreira, mas, o que vai se trabalhar nas escolas parte de uma equipe gestora que trabalha na secretaria de educação, que orienta os professores desde a lotação, não permitindo, portanto, a escola trabalhar, com autonomia.

Para a SEMED os números são positivos, para a criança e sua família nem tanto. Por isso é pertinente questionar, se os resultados das avaliações são satisfatórios. Então se torna no mínimo confuso, analisar um processo onde os sujeitos e suas ações não convergem para o mesmo destino, o que para Romão (2005), a relação do professor com o sistema, que é sempre muito burocrático mostra que:

> Como o "professor tem de entregar, na secretaria da escola, as notas dos alunos" ao final de cada bimestre, não importa que ele esteja no meio de uma unidade. Se o que já desenvolveu com os alunos ainda depende de mais alguns passos para complementar em pré-requisito ele não pode adia a avaliação, porque é pressionado pelos prazos burocráticos. (ROMÃO, 2005, p, 82)

O autor vai mostrar que esta postura muitas vezes intransigente do sistema educacional através da secretaria de educação e seus técnicos têm muito a ver com a preocupação com a média final do aluno que é calculado com base nos registros semestrais, respeitando intervalos que só interessa a burocracia, não levando em consideração o ritmo de aprendizagem de cada um.

Os professores ao serem questionados se os resultados da avaliação são satisfatórios, responderam da seguinte forma:

> P 1: Nem sempre.
> P 2: Nas matérias como Arte, religião, história, geografia e ciências. Sim
> P 3: De acordo com o seu desempenho, o aluno consegue obter seu objetivo.

Analisando as respostas das professoras foi possível perceber a que o desempenho dos alunos para os professores está focado na sua particularidade e atrelado exclusivamente ao seu desempenho pessoal. Nas respostas de P1 é notório uma superficialidade quando responde que nem sempre os alunos possuem desempenho satisfatório deixando margem quanto à qualidade desse desempenho e a constância do mesmo. Para Luckesi (2005, p. 201):

> A avaliação no espaço da sala de aula como em qualquer outro contexto onde haja processo, por ser inclusiva é democrática. O objetivo da ação pedagógica no contexto da sala de aula é que todos aprendam e se desenvolvam o que implica que ninguém seja excluído. Aqueles que em um primeiro momento, não apresentem o resultado esperado, se forem cuidados, poderão apresenta-lo em um segundo ou terceiro momento o que importa, então, para o educador que avalia é a aprendizagem de todos os estudantes que se encontram na escola.

Nesse sentido, a resposta dos professores p1 e p3 abre um leque de reflexões acerca das ambiguidades do processo de avaliação, deixando em evidencia vários questionamentos, até que ponto é prazeroso para o professor avaliar? Sentiria o professor prazer em reprovar? Estaria o aluno dando pouca importância ao que se está avaliando ou examinando? Ao responder que nem sempre, P1 nos deixou esses questionamentos por transparecer o cansaço e desgaste do dia a dia em sala de aula, o professor também sofre com o processo de avalição ou de exame que precisa aplicar em sala de aula, por não conseguir fazer com que sua turma acompanhe o desenvolvimento da aula.

Nesta mesma questão P3 expõe uma atitude que reflete uma compreensão de avaliação que responsabiliza somente o aluno pelo seu desempenho escolar. Observamos que para P3 toda a responsabilidade pela aquisição do conhecimento é do aluno, dando a entender que depende somente dele o resultado do processo de avaliação.

Já P2 quando questionado a respeito dos resultados da avaliação a sua resposta indica nos componentes curriculares de artes, religião história, geografia e ciências os alunos apresentam melhores resultados, os quais são considerados pelo professor como resultados satisfatórios.

Desta forma, analisando as falas de P1, P2 e P3 existe uma visão restrita de avaliação fazendo dos resultados positivos ou insatisfatórios o retrato fiel da avaliação da aprendizagem deixando de fora todo o processo para se chegar ao determinado resultado.

> O ato de avaliar, por ser diagnóstico, é construtivo, mediador, dialógico, visto que, levando em consideração as complexas relações presentes na realidade avaliada e dela constituinte, tem por objetivo subsidiar a obtenção de resultados os mais satisfatórios possíveis, o que implica que a avaliação, por ser avaliação, está a serviço do movimento de construção de resultados satisfatórios, bem- sucedidos, diferente dos exames que estão a serviço da classificação. (LUCKESI, 2005, p. 198)

Portanto os resultados satisfatórios são frutos de avaliação dinâmica e processual capaz de proporcionar aqueles que são avaliados uma amplitude de subsídios que irão desencadear a aprendizagem significativa, construída por meio de práticas pedagógicas eficientes com a interação coletiva, e respeito às particularidades de cada um. Para que a ponte entre conhecimento e os resultados do aprendido não seja o fator decisivo para exclusão, seleção e fracasso escolar, mas um reflexo que chame atenção para atuação de professores, alunos e todo o sistema de ensino quanto às possibilidades para que os resultados sejam satisfatórios para todos, dessa maneira, alcança-se amplitude do termo avaliação da aprendizagem

> A vida pessoal de cada um de nós, quando estudantes regulares na escola, foi marcada por muitas experiências autoritárias em provas que se fixavam em nossa história psicológicas tais como ressentimento por atos injustos nos processos examinatórios notas baixas não merecidas; provas com conteúdo além e/ ou diferentes dos ensinados, questões elaboradas com ambiguidade, armadilhas para surpreender os “incautos”; utilização de questões com base em conteúdo secundários em termos de seus significados “só pra ver se os alunos estudaram” (LUCKESI, 2011, p. 202)

Na perspectiva de Luckesi (2011), a avaliação da aprendizagem, diferente da pedagogia do exame, apresenta como características: diagnosticar a situação do aluno, o que aprendeu e o que não aprendeu com intuito de intervir com uma ação para melhorar a situação

da aprendizagem, é processual, pois admite que o educando não vai estar pronto em um determinado momento, mas que este deverá passar por um processo que acredita na possibilidade do mesmo alcançar tais objetivos e dinâmica de uma vez que não é estática.

## 4.2 Os instrumentos de avaliação

Todas as atividades avaliativas deveriam almejar o desenvolvimento intelectual, social e moral dos alunos e diagnosticar como a escola e os docentes estão contribuindo para que este processo satisfatório de aquisição de conhecimento aconteça. Neste sentido, os instrumentos de avaliação são fundamentais para a educação por permitir acompanhar a evolução da aprendizagem do educando e fornecer pista para repensar a prática docente.

O instrumento de avaliação que os professores utilizam com mais frequência na sala de aula são:

> P 1: Observação. Porque é através dela que informamos o contexto em que estamos.
>
> P 2: A avaliação continua e somativa. Continua porque avalia todo o processo de criação e produção do aluno. Somativa, porque o sistema nos impõe aplicarmos provas e darmos nota.
>
> P 3: Utilizo a avaliação continua, o que o aluno produz e reproduz, mais a principal é o trabalho avaliativo, pois é o que o sistema nos oferece.

A professora P 2 descreve o que se prática na escola Elizabeth Farias Lobato Rodrigues, e por que não dizer na maioria das escolas do município de Bagre, é o que Luckesi (2011), fala que no Brasil se confunde examinar com avaliar, e o autor mostra que as duas concepções podem até, conviver, no entanto divergem.

> Para o ato de examinar, vale somente o que o estudante conseguiu assimilar e expressar até o momento presente, como o desempenho resultante de sua dedicação aos estudos no tempo anterior àquele em que se submete às provas. Será premiado (aprovado) ou castigado (reprovado) em função do que conseguiu aprender até o momento da prova. (LUCKESI, 2011, p. 182)

E Luckesi (2011) mostra como deve ser a atitude do professor que pratica a avaliação, que deve ir além da preocupação com o que aluno está aprendendo, mas procurar compreender como o processo ensino-aprendizagem está sendo construído e como o mesmo vai utilizá-lo na sua vida, na sua prática social.

> [...] o ato de avaliar está centrado no presente e voltado para o futuro. Ao educador que avalia interessa investigar desempenho presente do educando, tendo em vista o seu futuro que se expressa como a busca do seu melhor aprendizado e consequente desempenho. (LUCKESI, 2011, p. 182)

Neste sentido, o autor coloca a avaliação como um processo que necessita de diversos mecanismo que lhe dará suporte para se construir uma aprendizagem significativa. Na fala de P1 esse ato é realizado por meio da observação, porém consideramos que somente a observação não é suficiente para avaliar o processo de ensino-aprendizagem. Já P3 diz que a avaliação se pauta num processo continuo e participativo de produção e reprodução do saber, contudo destaca que precisa se adequar as exigências do sistema educacional que o orienta, o limita e exige uma avaliar classificatória.

Dentre os problemas que afetam a avaliação da aprendizagem, desponta a questão da forma como o professor expõe suas ideias sobre um determinado assunto e ainda como este vai se fazer entender dentro de sua metodologia de ensino. Sabemos que muitos alunos têm dificuldade de entender a linguagem que é utilizada por muitos professores e, desta forma, não conseguem acompanhar o desenvolvimento da aula, daí nasce o desafio de como recuperar o aluno que não consegue acompanhar a forma que lhe é apresentado determinado assunto, ele não consegue acompanhar o andamento da aula, que, às vezes, ocorre muito superficialmente em nossas escolas. A recuperação da aprendizagem dos alunos é de grande relevância, mas é preciso que o professor analise os resultados das avaliações de aprendizagem por ele aplicadas e considere os erros dos alunos para buscar construir novas práticas que possam levar seus alunos ao saber. O momento da avaliação deve ser, portanto, também um momento de reflexão do docente.

> Nosso papel não e falar ao povo sobre a nossa visão do mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa [...]. Por isso mesmo é que muitas vezes educadores e políticos falam e não são entendidos. Sua linguagem não sintoniza com a situação concreta dos homens a quem falam. E sua fala é um discurso a mais, alienado e alienante. (FREIRE, 2005, p. 100).

A auto avaliação deve nortear a prática docente, pois, a partir de uma avaliação da aprendizagem bem feita é possível corrigir rotas, fazer intervenções durante o percurso e isto, é muito diferente de chegar ao final do bimestre ou ano letivo e utilizar a avaliação para determinar quem será aprovado ou não e ponto final.

É estarrecedor imaginar que há docentes que acham natural que parte dos alunos sejam reprovados, parece normal, que parte deles não aprendam e pior do que achar isso é não fazer nada por esses estudantes, simplesmente por considerar que não vai adiantar.

Quantos professores deixam de investir por achar que eles não têm potencial algum e, esses professores geralmente se acham muitos capazes, apesar de deixar para traz parte de

seus alunos. Ao abordar este assunto Luckesi (2011, p. 203) afirma: “A avaliação não põe nas mãos do educador o poder de aprovar ou reprovar, mas sim o poder de partilhar eficientemente um caminho de aprendizagem, desenvolvimento e crescimento. E ela possibilita ao educador tomar decisões”.

Diante de fatos como esse, é preciso repensar a prática avaliativa, buscando pensar e repensar sobre os resultados das avaliações com a devida humildade para entender que às vezes é preciso mudar a rota, em prol de um bem maior, ou seja, mudar as metodologias para que o aluno consiga acompanhar o que está se tratando em uma determinada aula.

> P 1: Eu sempre uso várias metodologias nas minhas aulas, porém entendo que o aluno tem o seu próprio tempo e a aprendizagem não é igual para todos, como professora sempre fui cobrada a produzir o máximo, não perder aluno e não reprová-los mais se alguém não consegue acompanhar nem sempre a culpa é só do professor.
> P 2: Faço sempre o que é possível, acredito que muitas vezes me sinto limitado, pelo fato de trabalhar com salas sempre lotadas e mesmo sendo dois professores não consigo dar a mesma atenção para todos.
> P 3: É impossível colocar todos no mesmo nível, costumo dizer que sou professora, não milagreira, sinto sim quando vejo que um aluno não acompanha, mais acredito que é uma minoria e a escola tenta trabalhar estes alunos que estão atrasados por algum motivo.

A professora P1, quando questionada sobre a forma como trabalha o processo de avaliação e como está lida com a necessidade de buscar novas e diferentes metodologias para facilitar a compreensão do aluno sobre um determinado assunto, é possível notar que a professora é dinâmica e comprometida com a aprendizagem dos alunos. A mesma destaca que o aluno tem seu próprio tempo e que este precisa ser respeitado. E na Escola Municipal Elizabeth Farias Lobato Rodrigues, vale ressaltar que as turmas possuem dois professores em sala o que a professora P2 acrescenta na sua fala, é que mesmo com esta ajuda extra o professor não consegue acompanhar o aluno na sua particularidade, pois, a sala está lotada e esta superlotação dificulta o seu trabalho.

A professora P3 destaca a impossibilidade de promover a aprendizagem de todos os alunos, por isso, alguns alunos não conseguem acompanhar a turma. Essa é uma questão muito preocupante, pois, o fracasso escolar é concebido como algo natural, inerente ao processo ensino-aprendizagem. Todavia, quando existem alunos em sala de aula que não estão aprendendo, o professor deve se sentir instigado a buscar soluções para que o aluno que não está acompanhando a turma possa ter condições de superar suas dificuldades de aprendizagens.

Para Freire (2011, p 115) “O ato de estudar, de ensinar, de aprender, de conhecer é difícil, sobretudo exigente, mas prazeroso".

Neste sentido é imprescindível uma prática pedagógica mediadora e reflexiva, que priorize a pesquisa e a busca constante da verdadeira identidade do educador - transformador, uma vez que para Freire:

> Um professor que não leva a sério sua pratica docente, que, por isso mesmo, não estuda e ensina mal o que mal sabe que não luta para que disponha de condições materiais indispensáveis à sua prática docente, se proíbe de concorrer para a formação da imprescindível disciplina intelectual dos estudantes. Se anula, pois como professor. (FREIRE, 2011, p, 115)

Contudo a superação de velhos conceitos de aprender e ensinar parte da capacidade de aliar o discurso a uma prática democrática para que a cultura popular não caia na visão de inferioridade diante da imposta superioridade elitista. Freire (2011, p. 116) "O que não é possível – repito-me agora – é o desrespeito ao saber de senso comum; o que não é possível é tentar superá-lo sem, partindo dele, passar por ele".

Isso é perceptível na reprodução burocrática do saber, que não leva em consideração as particularidades dos educandos, sendo que suas experiências e vivencias dissociadas do conhecimento sistematizado, fragmenta a aprendizagem e compromete a liberdade de pensar e agir. Para o autor:

> O que não é licito fazer é esconder verdades, negar informações, impor princípios, castrar a liberdade do educando ou puni-lo, não importa como, porque não aceite, por várias razões o meu discurso. [...] subestimar a sabedoria que resulta necessariamente da experiência sociocultural é, ao mesmo tempo, um erro científico e a expressão inequívoca da presença de uma ideologia elitista. (FREIRE, 2011, p, 117)

E este é o grande desafio do fazer docente, estimular o discurso de superação e mobilizar as pessoas para uma visão além das suas dificuldades, medos e limitações, fazendo do seu contexto sociocultural, um ambiente rico para a construção do conhecimento. Pois, agimos impiedosamente quando deixamos que nossos alunos continuem na escola sem aprender. Na educação está toda esperança de mudança de vida destes alunos e sua família. Seria inaceitável para nós educadores que os professores de nossos filhos, os deixassem de lado em suas dificuldades de aprendizagem, limitando-se a reprová-los, mas, fazemos sem o menor peso de consciência com os filhos dos outros.

Ao analisar a mesma situação Hoffmann (1991) atenta para um outro detalhe, que nos ajuda a compreender melhor este cenário complexo da relação professor e aluno e a compreensão do que se trabalha em sala de aula.

> Dessa forma, o professor não assume absolutamente a responsabilidade em relação ao fracasso do aluno. Em primeiro lugar, porque representaria assumir sua incompetência na organização do trabalho pedagógico, uma apresentação inadequada de estímulos à aprendizagem. Em segundo lugar, porque aquilo que faz geralmente se traduz em resultados positivos. Ou seja, alguns alunos, ou a maioria, aprendem. Se a ação produz modificação de comportamentos em alguns alunos, então o problema está nos alunos e não na ação do professor. Sem ultrapassar a visão comportamentalista de conhecimento, nenhuma outra hipótese é levantada pelo professor sobre as dificuldades que os alunos apresentam, senão a sua desatenção e desinteresse. Em terceiro lugar, porque, coerente com tal visão de conhecimento, o avaliar reduz-se, para ele, à observação e ao registro dos resultados alcançados pelos alunos ao final de um período. Tal visão não absorve uma perspectiva reflexiva e mediadora da avaliação. (HOFFMANN, 1991, p. 54).

A avaliação da aprendizagem faz parte do processo de construção do saber, da longa estrada do conhecimento, trilhada diariamente por aqueles que são incluídos no processo de ensinar e aprender, por ser longa a estrada do conhecimento e por vezes difíceis o caminhar, necessitamos de diversos instrumentos avaliativos e práticas pedagógicas inovadoras, inclusivas, processuais e continuas capazes de fazer da avaliação da aprendizagem subsídios para a qualidade da educação. Nessa perspectiva Luckesi (1997, p. 175) mostra que:

> A avaliação da aprendizagem nesse contexto é um ato amoroso, na medida em que incluem o educando no seu curso de aprendizagem, cada vez com qualidade mais satisfatória, assim como na medida em que o inclui entre os bem sucedidos, devido ao fato de que esse sucesso foi construído ao longo do processo de ensino aprendizagem (o sucesso não vem de graça). A construção, para efetivamente ser construção, necessita incluir, seja do ponto de vista individual, integrando a aprendizagem e o desenvolvimento do educando, seja do ponto de vista coletivo, integrando o educando num grupo de iguais, o todo da sociedade.

O autor destaca a necessidade de avaliar por parte do professor e para que isto seja um ato amoroso, ele precisa envolver o aluno nesta relação de partilha de conhecimento, e aplicar para isto diversos instrumentos que permitam ao aluno uma melhor adaptação ao que está se avaliando e desta forma tornar a avaliação mais satisfatória para o mesmo. Quando questionados sobre a importância da avaliação da aprendizagem, as respostas foram as seguintes:

> P 1: A avaliação é um recurso fundamental em todo o processo ensino/aprendizagem, serve para dar referência sobre o trabalho do professor, do que ele pode ser melhorado, do que a escola precisa oferecer ao aluno.
> P 2: Nos permite entender o desenvolvimento cognitivo do aluno, bem como buscar novos métodos de ensino para atendê-los.
> P 3: É importante para o desenvolvimento do individuo

Quanto à importância da avaliação da aprendizagem todos foram unanimes em afirmar que avaliação é importante sim, mas as respostas analisadas no sentido mais amplo mostram a

diversidade de significados para o mesmo ato avaliativo, algo muito normal por se tratar de um tema amplo e discutido no dia a dia da sala de aula como afirma Hoffmann (2000, p.13):

> Percebo, em contato com os professores que o "fenômeno avaliação" é, hoje, um fenômeno indefinido. Professores e alunos que usam o termo atribuem-lhe diferentes significados, relacionados principalmente, aos elementos constituintes da prática avaliativa tradicional: prova, nota, conceito, boletim, recuperação, reprovação.
> Estabelecem uma relação direta entre tais procedimentos e avaliação, com uma grande dificuldade em compreender tal equívoco. Dar nota é avaliar, fazer prova é avaliar, o registro das notas, denomina-se avaliação. Ao mesmo tempo, vários significados são atribuídos ao termo: análise de desempenho, julgamento de resultados, medida de capacidade, apreciação do "todo" do aluno.

Nessa perspectiva, as respostas dos professores P2 e P3 embora sejam parecidas são vagas e reduzem o termo avaliação da aprendizagem, quando P3 diz que a avaliação é importante para o indivíduo e P2 faz referência a avaliação somente ao fator cognitivo, os professores deixam a margens todo o contexto que a avaliação da aprendizagem se apresenta, por que avaliar é um ato que vai além das habilidades cognitivas e se concretizam nas relações interpessoais, socioculturais e no ambiente coletivo, mas que respeite o tempo, as particularidades e o espaço de aprendizagem de cada um. Uma avaliação capaz de formar na autonomia e para a cidadania.

Já a resposta de P1, destaca a participação de todos os atores envolvidos no processo avaliativo, chamando a atenção para o fato de que a avaliação não é um ato isolado e responsabilidade dos professores e alunos, mais uma ação coletiva que visa à melhoria das práticas educativas para o aumento e a qualidade do ensino.

É sem dúvida um professor libertador aquele que faz o aluno sujeito de sua própria aprendizagem, auxiliando o mesmo a caminhar com as próprias pernas, produzindo em todos os seus atos um conhecimento de mundo, de sociedade de vivencias. O que para Freire (2005) "A questão fundamental, neste caso, está em que, faltando aos homens uma compreensão crítica da totalidade em que estão, captando-a em pedaços nos quais não reconhecem a interação constituinte da mesma totalidade, não podem conhecê-la."

É importante ressaltar como citado acima, que para que exista essa abertura de visão do local, para o regional do regional para o nacional e do nacional para o mundial, se faz necessário um trabalho em conjunto para que os anseios e avanços conquistados parta da construção e da interação coletiva, tornando o ato de aprender uma ação dialética e significativa. Neste sentido Freire enfatiza que:

> [...] A tarefa do educador dialógico é, trabalhando em equipe interdisciplinar, [...] No processo da decodificação os indivíduos, exteriorizando sua temática, explicitam sua "consciência real" da objetividade [...] que se prolonga na organização do conteúdo programático da ação educativa, como ação cultural libertadora. (FREIRE, 2005, p.119).

Partindo desse pressuposto, Freire chama a atenção dos educadores como mediadores, e investigadores do desafio de encontrar na pluralidade de ideias e vivencias as problematizações pessoais do grupo acolhendo e respeitando as situações-problema de forma dialógica para que aconteça uma educação libertadora e, desta forma, Freire (2005) faz uma comparação entre uma educação, para a vida, libertadora e emancipatória que caminha na direção oposta àquela que limita a ação do homem como mero objeto da reprodução de discursos pré-definidos.

> Para o educador-educando, dialógico, problematizador, o conteúdo programático da educação não é uma doação ou uma imposição, um conjunto de informes a ser depositado nos educandos, mas a devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada. (FREIRE, 2005, p. 96/97).

Para Freire (2005), a escola, o professor, a professora deve levar em consideração aquilo que o aluno trás de casa, do seu bairro, do seu círculo de amizade, discutir todas essas informações e apresentar a este aluno um número maior de possibilidades de olhares e de compreensão de uma mesma situação, permitindo ao mesmo agir com autonomia de pensamento, sem impor ao mesmo o seu próprio ponto de vista.

> Será a partir da situação presente existencial, concreta, refletindo o conjunto de aspirações do povo, que poderemos organizar o conteúdo programático da educação ou da ação política. O que temos de fazer, na verdade, é propor ao povo, através de certas contradições básicas, sua situação existencial, concreta, presente, como problema que, por sua vez, o desafia e, assim, lhe exige resposta, não só no nível intelectual, mas no nível da ação. (FREIRE, 2005, p. 100).

Desta forma, o educador, deve auxiliar o educando quanto à necessidade de trabalhar dentro da reflexão crítica, propostas que possam conduzi-lo ao diálogo construtivo e leva-lo para uma ação concreta, no sentido das mudanças de sua conduta tanto intelectual, como na sua postura política e social, não permitindo, que nenhuma forma de opressão possa ser capaz de aliena-lo e torná-lo um aluno-cidadão passivo.

> P 1: Gosto de utilizar vários métodos avaliativos, no qual o aluno também participa no sentido de transformar os momentos de aprendizagem mais prazerosa e significativa
> P 3: Sim, procuro estimular o meu aluno a ser um cidadão que tenha noção da realidade, onde vive, ou seja, o aluno compreenda, analise e reflita sobre o mundo que vive.

Os professores P1 e P3, apontam em suas respostas para um perfil de professor dinâmico e que busca encaminhar o aluno para a sua própria autonomia de pensamento e ação, desta forma, o professor assume o seu papel de mediador do processo ensino aprendizagem, o que nos leva a acreditar na possibilidade do professor mediar construção do conhecimento a partir da sua realidade sociocultural.

Um dos momentos que mais preocupa os pais professores, aluno e todo o sistema de ensino é a retenção escolar, assunto evidente em muitas rodas de conversa quanto o tema é educação, sempre evidenciando os resultados não alcançados, o que não foi possível avançar e assimilar, quais os fatores responsáveis para que o aluno ficasse retido, mas pouco se foca no que ele aprendeu como aprendeu e o que dificultou a sua aprendizagem, neste caso, olhar para a aprovação ou reprovação é de uma ótica quantitativa classificatória e excludente, selecionando os que merecem ser aprovados e retendo os que se mostraram incapazes de avançar. Assim concordo como Luckesi (2002, p. 172):

> O julgamento é um ato que distingue o certo e o errado, incluindo o primeiro e excluindo o segundo. A avaliação tem por base acolher uma situação, para, então, ajuizar a sua qualidade, tendo em vista dar-lhe suporte de mudança, se necessário. A avaliação, como ato diagnóstico, tem por objetivo, a inclusão e não a exclusão; a inclusão e não a seleção. O diagnóstico tem por objetivo aquilatar as coisas, atos, situações, pessoas, tendo em vista tomar decisões no sentido de criar condições para a obtenção de uma maior satisfação daquilo que se esteja buscando ou construindo.

Nesta perspectiva, o autor coloca a avaliação não como encerramento do que se aprendeu, mas processo pelo qual se aprende de maneira contínua, diagnóstica e efetiva, um processo que busque acolher e não julgar, incluir ao invés de selecionar, a avaliação nesses moldes serve para dar condições de igualdades para todos. Aumentando a porcentagem dos incluídos e diminuindo então o fosso entre o número de matriculados e aprovados. Quando perguntamos: você acredita que a retenção escolar é a melhor maneira de avaliar a aprendizagem? Os professores responderam:

> P 1: Acredito que não, pois, o apoio continuo a aprendizagem seria o ideal, pois as dificuldades têm de ser trabalhadas assim que elas aparecem em sala de aula e não deixar que se acumulem para o final do ano.
> P 2: Não
> P 3: Não, pois há outros instrumentos e critérios que poderiam mudar esse quadro.

Portando os professores em suas respostas concordaram que a retenção escolar não é a melhor maneira de avaliar a aprendizagem, mas destaco aqui a fala de P1 e P3 neste caso P1 aponta o apoio continuo como forma de se trabalhar as dificuldades logo que aparecerem e P3 enfatiza os diversos instrumentos avaliativos a disposição dos alunos que ajudariam mudar o quadro da reprovação escolar. No entanto é fundamental termos por base Hoffmann (2001 p. 58) que diz:

> Os professores dizem perseguir uma "Escola de qualidade", sendo exigentes na avaliação; no entanto, contribuem sobremaneira para o afastamento de milhares de crianças e jovens da Escola e da Universidade através do fator de reprovação continuada. Escolas públicas de 1a. Grau iniciam seu ano letivo com dez turmas de 1ª série e, concomitantemente, com turmas únicas de 8a. série (com poucos alunos). Há uma discrepância enorme entre o número de escolas públicas de 1º Grau e a oferta de vagas no 2°- Grau. A reprovação no vestibular, por sua vez, é maciça, além de o correr um alto índice de evasão nos cursos universitários. Esse panorama é representativo deum "ensino de qualidade"? As exigências avaliativas, desprovidas muitas vezes de significado quanto ao desenvolvimento efetivo das crianças e dos jovens, favorecem a manutenção de uma Escola elitista e autoritária. Os pronunciamentos dos professores formam um todo vinculado e consistente em torno de um mesmo significado liberal.

Diante dessas evidencias o problema da retenção escolar deve ser encarado de frente como uma ameaça para almejada universalização do ensino de qualidade e para todos. Tal ameaça poderá ser sanada com uma avaliação da aprendizagem em toda extensão da palavra, uma avaliação para além dos exames e da reprovação, uma avaliação que enxergue o aluno em todos os contextos que lhe forma como pessoa, seus sentimentos, suas habilidades e, suas dificuldades, sua cultura, o ambiente social e familiar em que está inserido.

Enfim, uma avaliação comprometida com a qualidade do ensino e não com quantidade que se ensina, uma avaliação que fomente novas e efetivas praticas educativas capaz de diminuir a discrepância entre o que se ensina e o que realmente se aprende, para assim alcançar resultados positivos, com critérios inclusivos e autônomos de educação cidadã, ética e comprometida com o sucesso de todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

## 5. CONCLUSÃO

Esta pesquisa se desenvolveu com o objetivo de analisar como professores e alunos compreendem o processo avaliativo aplicado no dia-a-dia da Escola Municipal de Ensino Fundamental Elizabeth Farias Lobato e sua relação com o desenvolvimento da autonomia dos alunos. Ao longo da pesquisa foi fundamental o aporte teórico que associado ao fazer docente juntamente com o que pensam os alunos a respeito desta temática, tornou a pesquisa rica e a investigação fundamental para se entender a avaliação como um processo tão necessário, mas, por vezes, polêmico pelo fato de ser confundido seu real significado e importância no processo de ensino-aprendizagem.

Neste trabalho, percebemos que a avaliação da aprendizagem possibilita o diálogo, a troca de experiências e a autonomia, porque está intimamente ligada ao um meio e não um fim, um meio pelo qual professores e alunos buscam mutuamente o objetivo coletivo que é o saber significativo e, dentro desta busca cabe diferentes estratégias e métodos para se chegar a uma avaliação eficiente e inclusiva.

Os conceitos de testar, medir e examinar confundidos como sinônimos de avaliação exclui e desfavorece a autonomia porque limita a aprendizagem a tempo, espaço e assuntos pré-estabelecidos, com intuito de classificar de maneira quantitativa, sem a preocupação com os fatores externos e internos que formam o aluno e, por consequência, este ato de verificação seleciona de maneira pontual os alunos capazes, daqueles que não obtiveram resultados positivos e serão penalizados com a reprovação escolar.

Dessa maneira a pesquisa revelou que embora o corpo docente tenha avançado nos estudos e discursões sobre o papel da avaliação no processo de ensino e aprendizagem, muitos educadores ainda estão atrelados a uma prática tradicional de avaliar, tendo sob seu poder um único instrumento avaliativo que faz de um processo de construção do conhecimento, um processo que aprisiona, rotula e limita o aluno.

Ao aluno a pesquisa revelou que este não se sente atraído pelo processo avaliativo, tendo em vista que o mesmo não é pensado para o aluno e nesse sentido não participando na organização, planejamento, do que vai ser discutido em sala de aula, a avaliação exclui o aluno, pois o distancia da sua realidade, o que causa no aluno uma dificuldade a mais para o seu processo de autonomia e criticidade da sua aprendizagem.

Nesse sentido, a avaliação da aprendizagem na amplitude real da sua função deve estar permanentemente comprometida com o aprendizado de todos, respeitando as singularidades de cada um, e promovendo dentro do diálogo, espaços de discussões, críticas e sugestões para melhor entender e adentrar no universo de uma avaliação para além de números e méritos,

uma avaliação que não pare nos erros, mas encontre nas dificuldades uma forma de construção progressiva do saber.

Portanto, a avaliação em sua essência precisa partir da busca de um diagnóstico pessoal dos educandos, onde seja permitido a autoavaliação de educadores e alunos, com práticas pedagógicas inovadoras, formação permanente dos educadores e participação consciente de todos os sujeitos e envolvidos na escola, para que assim se crie um ambiente de comunicação, criação e recriação de atitudes e proposta democrática e dialógicas, para um saber consciente, atual, em contato com os momentos de transformação da sociedade.

Por fim, ressalto que esta pesquisa não tem a finalidade de encerrar os discursões acerca do tema que é indissociável do processo de ensino-aprendizagem, mas busca servir de fonte para novos estudos que suscitem olhares diferentes para um ato, quando amoroso cria oportunidades para saberes diferentes e enriquecedores para construir conhecimento pessoal e de mundo.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFCAS**

BARDIN, L. (2006). **Analise de conteúdo** (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trads.) Lisboa: edições 70.(Obra original publicada em 1977).

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 10ª ed. São Paulo: Cortez, 2009

FERNANDES Claudia de O. (org). **Avaliação das Aprendizagens**: sua relação com o papel social da escoa / São Paulo: Cortez, 2014

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança:** um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. 17ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____, **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____, **Educação como prática da liberdade**. 14 ed. rev. atual. -Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Unesp, 2000.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José Eustáquio (orgs). **Autonomia da escola: princípios e propostas**. São Paulo: Cortez, 2012.

HOFFMAN, Jussara Maria. **Pontos e Contrapontos:** do pensar ao agir em educação. Porto Alegre: Mediação, 2000

HOFFMANN, J. **Avaliação mediadora:** uma prática em construção da pré-escola a universidade. Porto Alegre: Mediação, 2003

_____. **Avaliação:** Mito e Desafio uma perspectiva construtivista. Posto Alegre: Mediação, 2005.

_____. **Avaliação:** mito e desafio uma perspectiva construtivista. Educação e Realidade, Porto Alegre, 1991.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover:** as setas do caminho. Porto Alegre: Mediação, 2001.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. **Avaliação da aprendizagem:** componente do ato pedagógico. São Paulo: Cortez, 2011

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**. estudos e proposições. São Paulo: Cortez, 2002.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1990

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem na escola**: reelaborando conceitos e recriando a pratica. Salvador Malabares comunicação e eventos, 2003.

_____. **Avaliação da aprendizagem escolar:** estudos e proposições. 17. Ed. São Paulo: Cortez, 2005.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia de pesquisa: abordagem teórico-prática**. 13ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2004 (Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico, v. XX).

ROMÃO, José Eustaquio. **Avaliação dialógica**: desafios e perspectivas/José Eustaquio Romão. -6. Ed- São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005.

RICHARDSON, Roberto Jarry, **pesquisa social:** Metodos e Tecnicas / Roberto Jarry Richardson; colaboradores José Augusto de Souza Peres... (et al.).-3. Ed-16. Reimpr. - São Paulo: atlas,2015.

# APÊNDICE

**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**
**CAMPUS UNIVERSITARIO DO MARAJÓ – BREVES**
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIENCIAS HUMANAS**
**PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DOCENTE-PARFOR**
**CURSO: LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**QUESTIONÁRIO ABERTO PARA PROFESSORES**

1ª - QUAL A SUA CONCEPÇÃO DE AVALIAÇÃO?

2ª - QUAIS OS SEUS PRINCIPAIS OBJETIVOS NO ATO DE AVALIAR O ALUNO?

3ª - QUAL O SEU PAPEL NO PROCESSO AVALIATIVO?

4ª – OS ALUNOS TÊM DIFICULDADE NAS AVALIAÇÕES? QUAIS?

5ª - OS ALUNOS OBTEM RESULTADOS SATISFATÓRIOS NAS AVALIAÇÕES. QUAIS?

6ª - QUAL A PRINCIPAL FERRAMENTA DE AVALIAÇÃO QUE VOCE ULTILIZA? POR QUÊ?

7ª – QUAL A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO PARA O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM?

8ª - O MODELO DE AVALIAÇÃO QUE VOCÊ REALIZA REFORÇAM TUA IDENTIDADE COMO PROFESSOR?

9ª - VOCE ACREDITA QUE RETENÇÃO ESCOLAR A MELHOR MANEIRA DE AVALIAR A APRENDIZAGEM?

**QUESTIONÁRIO FECHADO PARA OS ALUNOS.**

1- QUAL O SEU SEXO?

( ) MASCULINO

( ) FEMININO

2- QUEM MORA COM VOCÊ?

() PAI E MAE

() SOMENTE COM O PAI

() SOMENTE COMA MÃE

() COM AVOS OU OUTROS (TIOS,IRMÃOS....)

3- VOCÊ JÁ REPETIU DE ANO?

( ) NUNCA

( )SIM ,1 VEZ NESTA ESCOLA

())SIM, 1 VEZ EM OUTRA ESCOLA

( )SIM, DUAS VEZES OU MAIS

4- QUAL A SUA RELAÇÃO COM SEUS PROFESSORES

( ) BOA

( ) EXCELENTE

( ) RUIM

( ) NÃO GOSTO DOS PROFESSORES

5- QUAIS OS TIPOS DE AVALIAÇÃO VOCÊ MAIS GOSTA?

( ) PROVAS E TESTES

( ) DEVER DE CASA

( ) TRABALHO EM GRUPO

( ) JOGOS E BRINCADEIRAS

6- O QUE VOCÊ SENTE AO REALIZAR UMA PROVA?

( ) MEDO

( ) TANQUILIDADE

( ) ANSIEDADE

( )RAIVA

7- COMO OS RESULTADOS DAS PROVAS TE DEIXA?

( )CONTENTE

( ) TRISTE

( ) DESANIMADO

( ) NERVOSO

( ) MEDO

8- QUANDO VOCE NÃO ENTENDE UM ASSUNTO A PROFESSORA EXPLICA DE OUTRA MANEIRA?

( ) SIM

( ) NÃO

9- VOCE RECEBE APOIO EM CASA PARA REALIZAR AS TAREFAS ESCOLARES?

( ) SIM

( ) NÃO

10- COMO AS AULAS COSTUMAM SER

( ) CHATAS

( ) ANIMADAS

( ) CANSATIVAS

( ) INTERESSANTES

11- COMO É O AMBIENTE EM SALA DE AULA?

( ) BARULHO

( ) CONFUSÃO

( ) SILENCIO

( ) BRIGA